

PESQUISAS

Antropologia nº 34

Ano 1982

Pedro Ignacio Schmitz
José Proenza Brochado

PETROGLIFOS DO ESTILO PISADAS NO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL

Altair Sales Barbosa
Pedro Ignacio Schmitz
Angélica Stobäus
Avelino Fernandes de Miranda

PROJETO MEDIO-TOCANTINS: MONTE DO CARMO, GO. Fase Cerâmica Pindorama

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

São Leopoldo – Praça Tiradentes, 35 – Rio Grande do Sul – BRASIL

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE PERMUTA INTERNACIONAL

Conselho de Redação

Pedro Ignacio Schmitz, S.J. — Diretor
Arthur Rabuske, S.J. — Coordenador para História
Josef Hauser, S.J. — Coordenador para Zoologia

- - - -

PESQUISAS publica trabalhos de investigação científica e documentos inéditos em todas as línguas de uso corrente na ciência.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões emitidas nos artigos assinados.

A publicação das colaborações espontâneas depende do Conselho de Redação.

Pesquisas aparece em 4 secções independentes: **Antropologia, História, Zoologia, Botânica.**

Pedimos permuta com as revistas do ramo.

- - - -

PESQUISAS veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen geläufigen westlichen Sprachen.

Die Aufnahme nicht eingeforderter Beiträge behält sich die Schriftleitung vor.

Verantwortlich für gezeichnete Aufsätze ist der Verfasser.

Pesquisas erscheint bis auf weiteres in 4 unabhängigen Reihen: **Anthropologia, Geschichte, Zoologie, Botanik.**

Wir bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

- - - -

PESQUISAS publishes original scientific contributions in any current western language.

The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the redatorial staff.

Pesquisas is divided into four independent series: **Anthropology, History, Zoology, Botany.**

We ask for exchange with publications of similar character.

- - - -

PESQUISAS

Antropologia nº 34

Ano 1982

Pedro Ignacio Schmitz
José Proenza Brochado

PETROGLIFOS DO ESTILO PISADAS NO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL

Altair Sales Barbosa
Pedro Ignacio Schmitz
Angélica Stobäus
Avelino Fernandes de Miranda

PROJETO MEDIO-TOCANTINS: MONTE DO CARMO, GO. Fase Cerâmica Pindorama

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS
São Leopoldo - Praça Tiradentes, 35 - Rio Grande do Sul - Brasil

PETROGLIFOS DO ESTILO PISADAS NO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL. Abrigos de Canhemborá, Lajeado dos Dourados, Linha Sétima e Pedra Grande(*)

*Pedro Ignacio Schmitz(**)
José Proenza Brochado(***)*

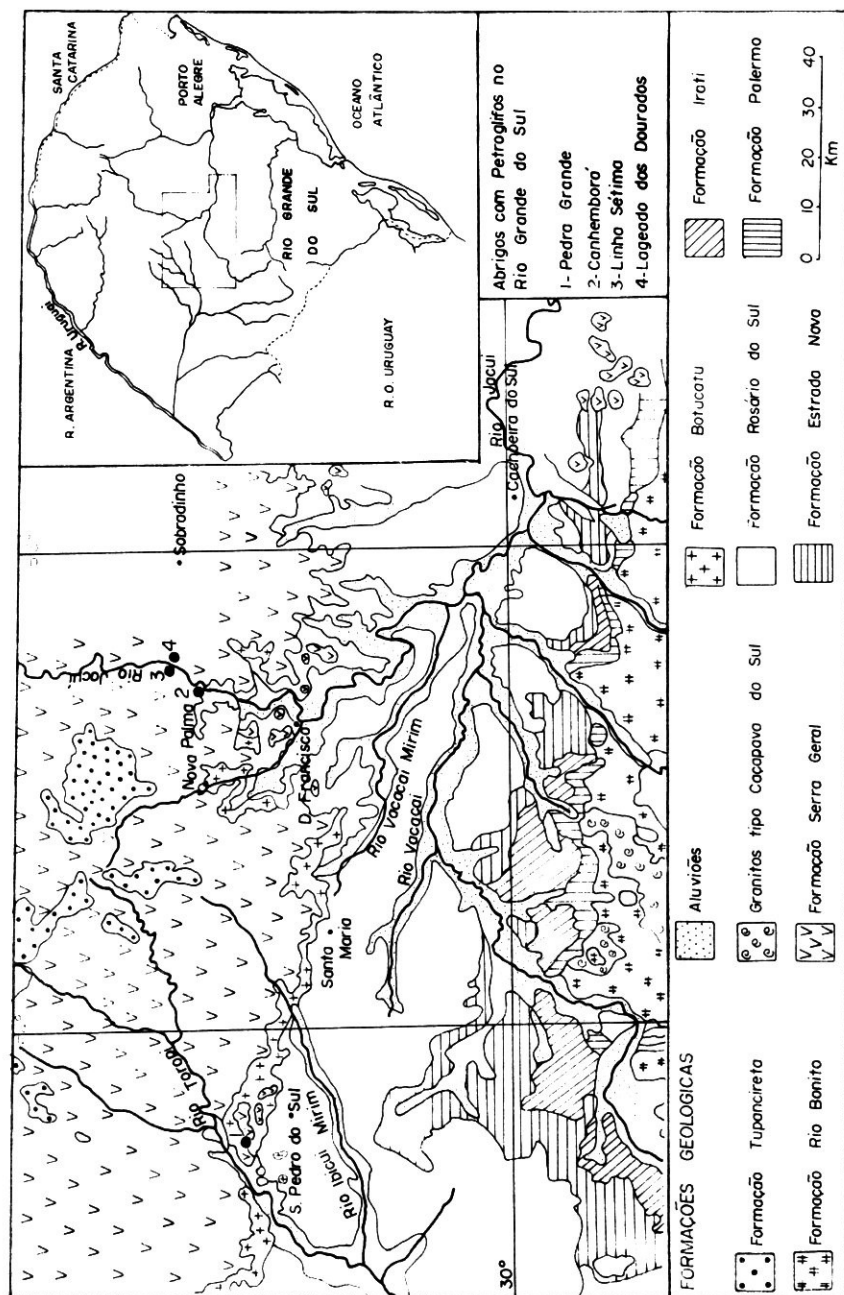
1. INTRODUÇÃO

O planalto meridional do Brasil — constituído de arenitos da formação Botucatu recobertos por derramamentos de lavas basálticas da Serra Geral — cobre a metade norte do território do Estado do Rio Grande do Sul. O planalto finda de maneira abrupta por uma escarpa ou cuesta, que se volta para o sul e o leste e alcança altitudes ao redor de 400 m s.n.m. A seu pé encontra-se uma zona de circundenudação, constituída de sedimentos paleozóicos, área de relevo muito suave cujas altitudes médias se encontram ao redor de 100 m. s.n.m. (Monteiro, 1963:66, 74, fig. 1). A escarpa do planalto se apresenta como um degrau único, levantado, emergido diretamente da planície costeira e da peneplanície, porém a modelagem a que foi submetida pelo trabalho de drenagem dos rios Jacuí, Ibicuí-Mirim e seus tributários, cortou em alguns pontos a escarpa, que se apresenta então dissecada pelas denominadas bocas da serra (Rambo, 1956: 317-341). Ver mapa fig. 1.

* Uma grande parte das informações publicadas neste artigo aparecem anteriormente em "Petroglifos do estilo de pisadas no Rio Grande do Sul", Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, Porto Alegre, vol. II, n° 1 (1976): 93-146, assinado por José Proenza Brochado e Pedro Ignacio Schmitz. Na presente edição foi incluída uma cópia completa dos petroglifos e sua classificação, retirando-se, por outro lado, a descrição das escavações realizadas nos abrigos e dos materiais recuperados nos mesmos. Também foram incluídas novas petroglifos estudados em 1980/81 por Schmitz e equipe no vale do Jacuí.

** Instituto Anchietano de Pesquisas. Bolsista do CNPq.

*** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do CNPq.



Nas cercanias das bocas de serra do Jacuí e do Toropi foram encontrados em quatro lugares diferentes, quatro abrigos, duas grutas e um bloco isolado em cujas paredes e teto se observam petroglifos. Os abrigos e grutas foram escavados por agentes naturais em blocos ou lajes de arenito da formação Botucatu que se encontram destacados alguns quilômetros adiante do alinhamento principal da escarpa.

RS — MJ — 15: Gruta de Canhemborá.

RS — MJ — 102: Gruta do lajeado dos Dourados.

RS — MJ — 53, A, B e C: Abrigos da linha Sétima.

RS — MJ — 105: Pequeno bloco

RS — SM — 7: Abrigo da Pedra Grande.

Como a área se encontra sobre os 29° 30' de latitude sul e entre 53° 15' e os 54° 15' de longitude oeste, seu clima é subtropical úmido mesotérmico sem estação seca e com verões quentes: Cfa, segundo a classificação de Koppen (Monteiro, 1963: fig. 66). O regime pluviométrico apresenta chuvas distribuídas durante todo o ano, com máximas no outono e inverno, variando entre 1500-1750 mm. As temperaturas médias anuais se encontram dentro da isoterma de 18°C. Os verões são quentes e os invernos rigorosos, com as médias das máximas e das mínimas entre 22° e 24°C no verão, e entre 12° e 14° no inverno. A amplitude térmica é da ordem de 11°C. As geadas ocorrem com a frequência média de uns 10 dias por ano. A umidade relativa do ar se acha ao redor dos 80 a 85% (Monteiro, 1963:154). No tocante às possibilidades da vegetação, a área pertence à região bioclimática eumesaxérica (temperada) 7.a, conforme a classificação de Gaussen (Galvão, 1967:27-28). Entretanto, como as formações florestais e campestres ocorrem, respectivamente, em função direta dos acidentes e inversa da irrigação do terreno, ali se encontra o limite entre a floresta latifoliada tropical que anteriormente recobria a escarpa e os campos cobertos de gramíneas que se estendem para o sul (Romariz, 1963: V 4, mapa).

Todos os abrigos, grutas e o bloco estudados neste trabalho se encontram dentro desta floresta da escarpa.

A encosta do planalto meridional voltada para o sul, entre o Jacuí e o Ibicuí-Mirim, vem sendo pesquisada desde 1968 pela equipe do Gabinete de Arqueologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Entre 1969 e 1972, os cinco abrigos e grutas foram escavados e seus petroglifos foram copiados pela mesma equipe, em conjunto com a do Instituto Anchietano de Pesquisas da Universidade do Rio dos Sinos (UNISINOS), dirigida pelos dois autores. Em 1980/81 o primeiro autor voltou à área com sua equipe.

2. DESCRIÇÃO DOS ABRIGOS E DOS PETROGLIFOS

RS — MJ — 15: **Gruta de Canhemborá**

A gruta de Canhemborá se abre num paredão orientado do noroeste para o sudeste, localizado uns 200 m ao norte da margem direita do rio Jacuí que neste local, ao descer do planalto, corre do norte para o sul, antes de dobrar para leste e desaguar na laguna dos Patos. Encontra-se a 7 m de altura sobre o nível do vale e o talude da sua entrada é muito empinado; 600 m a sudeste do arroio Bugre, afluente do Jacuí, e um quilômetro a leste da povoação de Canhemborá.

A gruta está orientada para o noroeste e mede 10,8 m de largura 7,7m de profundidade e 2,8 m de altura máxima na entrada. O teto se inclina tão rapidamente para o interior e lateralmente que a área disponível para a ocupação humana, com forma triangular, mede apenas 6,5 m de largura e 4 m de comprimento, se restringindo, portanto, a uns 26 m². (Fig. 2)

A erosão formou concavidades menores nas paredes da gruta, uma das quais é atualmente praticável, comunicando com uma câmara menor.

As esfoliações causadas pela queda de grandes lajes e blocos do teto, deixaram uma série de superfícies planas, verticais e horizontais, escalonadas, que formam como que dois degraus invertidos. Nas faces mais ou menos verticais destes dois degraus, muito visíveis desde a entrada, é que se observam as maiores concentrações de petroglifos. Porém, outras concentrações menores se distribuem também, em painéis descontínuos e isolados, nas faces horizontais dos degraus, na superfície inclinada de uma espécie de balcão ligado à parede lateral direita e até na face de um bloco triédico, possivelmente caído do teto, atualmente jazendo sobre o solo na entrada. A superfície total ocupada pelos diferentes painéis de petroglifos pode ser calculada em 2,5 m².

Observam-se também as cicatrizes deixadas pela retirada de motivos inteiros por colecionadores da região. Fig. 3, 4.

RS — MJ — 102: **Gruta do lajeado dos Dourados**

A gruta do lajeado ou arroio dos Dourados se acha a uns 100 m de distância da margem esquerda do rio Jacuí. Na margem oposta do rio, a menos de 1 Km em linha reta, se encontra o abrigo da linha Sétima e, 11 Km rio abaixo, a gruta de Canhemborá.

A gruta do lajeado dos Dourados se abre numa parede vertical, a mais de 20 m acima do nível de cheia do rio, o qual aqui corre a uns 50 m s.n.m. e se encontra imediatamente abaixo do terraço mais alto do vale, por isso o seu talude de entrada é também muito empinado.

Está orientada para sudeste e mede 9 m de largura na entrada e 7,5 m de profundidade (Fig. 5).

A gruta foi pesquisada em 1972. O seu interior foi bastante modificado pela retirada de blocos para a construção, o que dificulta o cálculo da área primitivamente disponível para a ocupação humana.

Como na gruta de Canhemborá, as esfoliações causadas pela queda de grandes lajes do teto, deixaram uma série de superfícies planas, verticais e horizontais que formam como que degraus invertidos, em cujas faces voltadas para a entrada se observam muitos petroglifos. Outra concentração se encontra na parte baixa da parede do fundo. Fig. 6, 7, 8.

Datações

Temos duas datações radiocarbônicas da Gruta de Canhemborá:

1165 \pm 35 a.P.: A.D. 750-820 (C5, 40-50 cm) (SI-1000)

2945 \pm 85 a.P.: 1080-910 a.C. (C5, 60-70 cm) (SI-1001)

A posição estratigráfica das duas datações em níveis quase consecutivos da mesma quadrícula indica que devem corresponder a dois momentos distintos e sucessivos de ocupação, separados por mais de mil e seiscentos anos.

Um terceiro momento de ocupação, representado pela presença da cerâmica da tradição Tupiguaraní, nos primeiros níveis, somente se pode datar, por intermédio de evidências externas ao sítio, como posterior a ca. A.D. 1100.

A conexão entre os petroglifos e a camada arqueológica se fez através do achado no interior desta de alguns fragmentos de mineral corante com as extremidades aguçadas que parecem ter sido os usados para pigmentar e polir o interior dos sulcos das gravações. Na entrada da gruta, foi também recolhida superficialmente uma mó ou tritador que apresenta ainda restos de pigmento preto aderido às suas faces e que poderia ter erodido da camada arqueológica do talude.

Técnica de produção dos petroglifos

Todos os petroglifos da gruta de Canhemborá são gravados, porém se observam duas técnicas distintas de gravação: uma por picoteamento e raspagem e a outra por polimento. O picoteamento, executado com a ponta de um instrumento aguçado, criou pequenas depressões contínuas e alinhadas que foram reunidas pela raspagem, formando sulcos que apresentam bordas ondulantes e irregulares. Os sulcos polidos, ao contrário, apresentavam secção em V mais ou menos obtusa e bordas bem definidas, em bisel. Os sulcos medem desde 3 mm até 2 cm de largura, com profundidades correspondentes à largura, porque, de maneira geral, quando foram feitos por martelamento, são mais largos e rasos, e quando polidos, mais estreitos e profundos. Além dos sulcos se observam também depressões e perfurações que medem desde não mais de 5 mm até 10 cm de diâmetro, com profundidades desde 5 mm até 2 ou 3 cm.

Alguns dos sulcos, depressões e perfurações apresentam restos de pigmentos de cor em seu interior. A cor mais comum é o preto, seguindo-se o verde, em menor quantidade, se observam também tonalidades mais claras como o branco, porém são raras as mais escuras como o marrom e o roxo. A aplicação do pigmento se fez possivelmente de duas maneiras: (a) pela fricção com um fragmento de mineral duro da cor desejada, que seria o mesmo instrumento que serviu também para concluir a gravação, resultando uma superfície polida onde foi depositado o pigmento; (b) pela fricção com um fragmento mais brando ou dissolvido, que po-

deria ser um pedaço bem macerado do mesmo mineral que em (a).

Pode-se observar que todos os petroglifos da gruta do lajeado dos Dourados são gravados, porém o processo de erosão alveolar e as esfoliações da superfície do arenito nas paredes e no teto, assim como as proliferações de líquens, prejudicou-os de tal maneira que atualmente se apresentam muito desgastados e indistintos. Tanto que se torna difícil calcular a área total que teria sido ocupada por eles e, no que se refere à técnica com que foram executados, somente se pode dizer que parece ter sido a do polimento. Em geral os sulcos possuem secção em U mais ou menos rasa e medem de 1 a 2 cm de diâmetro, com profundidade desde 5 mm até mais de 10 cm. As perfurações menores que se apresentam alinhadas devido à sua regularidade e ao polimento do seu interior, parecem ter sido broqueadas por meio de uma ferramenta rotativa.

Os petroglifos não apresentam atualmente restos de pintura, o que pode ser atribuído ao processo erosivo, muito mais intenso do que na gruta de Canhemborá.

Motivos das grutas de Canhemborá e Lajeado dos Dourados

(Fig. 9)

- A — Sulcos retilíneos ou curvilíneos simples ou paralelos. (A04: símbolos fálicos?)
- B — Sulcos retilíneos que tendem a convergir.
- C — Sulcos retilíneos ou curvilíneos convergentes.
- D — Sulcos retilíneos que se cortam num único ponto.
- E — Sulcos retilíneos e/ou curvilíneos que se encontram formando ângulos diversos.
- F — Sulcos retilíneos e curvilíneos que se encontram formando figuras complexas.
- G — Sulcos sub-paralelos que se encontram com outro em ângulo reto.
- H — Pequenas depressões isoladas ou alinhadas.
- I — Grandes depressões.
- J — Pegadas de felino (?)
- K — Símbolos sexuais femininos (?)
- L — Figura combinando sulcos retilíneos com círculo e depressões menores.
- M — Formas simples podendo combinar sulcos retilíneos, curvilíneos e depressões.

- N — Sulcos ondulantes simples ou associados a depressões com sulcos irradiantes.
- O — Formas complexas, podendo combinar sulcos curvilíneos, retilíneos e depressões.

Os petroglifos são produzidos por linhas e pontos. Na classificação de motivos de arte rupestre, proposta por J. Gradin (1970), a quase totalidade são motivos abstratos (AOI-03, B, D, E, F, G, H, I, L, M, O), uns poucos são representativos esquematizados biomorfos (AO4, C, J, K).

Observando o quadro e os gráficos 1 e 2, correspondentes à presença e representatividade dos motivos nos abrigos de Canhemborá e Lajeado dos Dourados, percebe-se, em ambos, uma alta frequência dos tipos A, H, I, J e uma frequência pequena dos demais tipos. Esta proximidade qualitativa e quantitativa nos levou a classificá-los dentro do mesmo esquema e a atribuí-los à mesma fase.

Quadro I : **A presença dos tipos nos dois abrigos.**

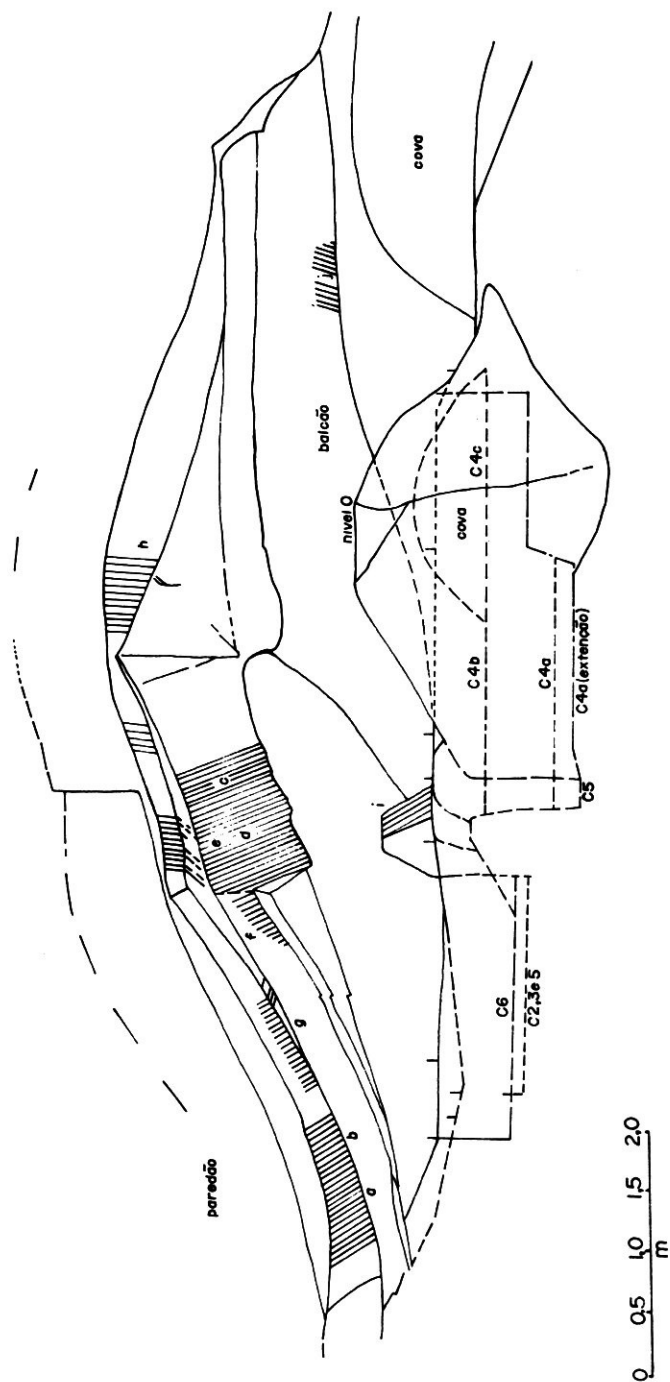
Canhemborá

	Números absolutos	%
A.	31	20,67
B.	2	1,33
C.	7	4,67
D.	0	0
E.	1	0,67
F.	1	0,67
G.	1	0,67
H.	34	22,67
I.	16	10,67
J.	39	26
K.	8	5,33
L.	1	0,67
M.	4	2,67
N.	2	1,31
O.	3	2
T:	150	

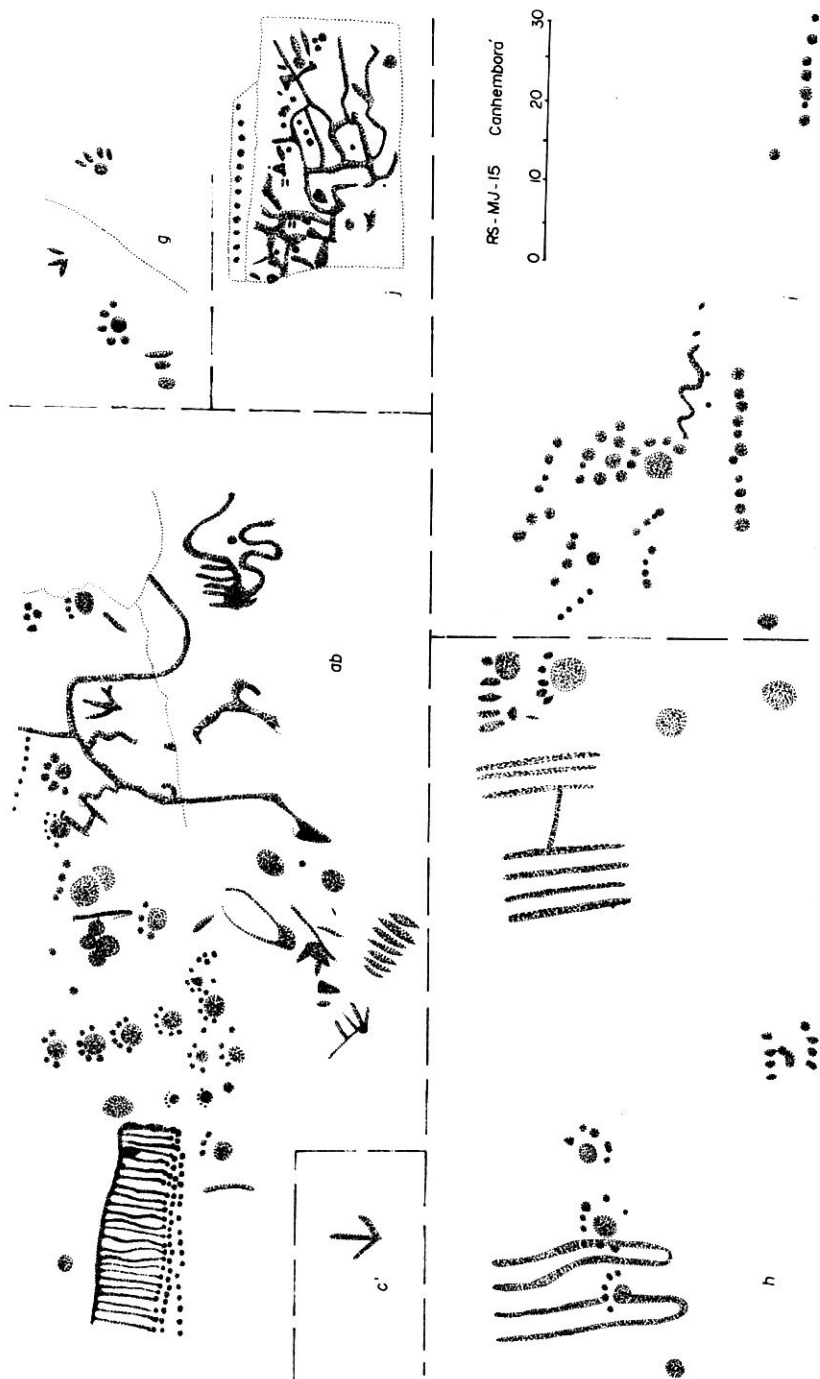
Lajeado dos Dourados

	Números absolutos	%
A.	23	11,27
B.	3	1,47
C.	3	1,47
D.	2	0,98
E.	8	3,92
F.	3	1,47
G.	0	0
H.	130	63,73
I.	24	11,76
J.	6	2,94
K.	0	0
L.	0	0
M.	0	0
N.	2	0,98
O.	0	0
T:	204	

GRUTA DE CANHEMBORÁ COM LOCALIZAÇÃO DOS PETROGLIFOS



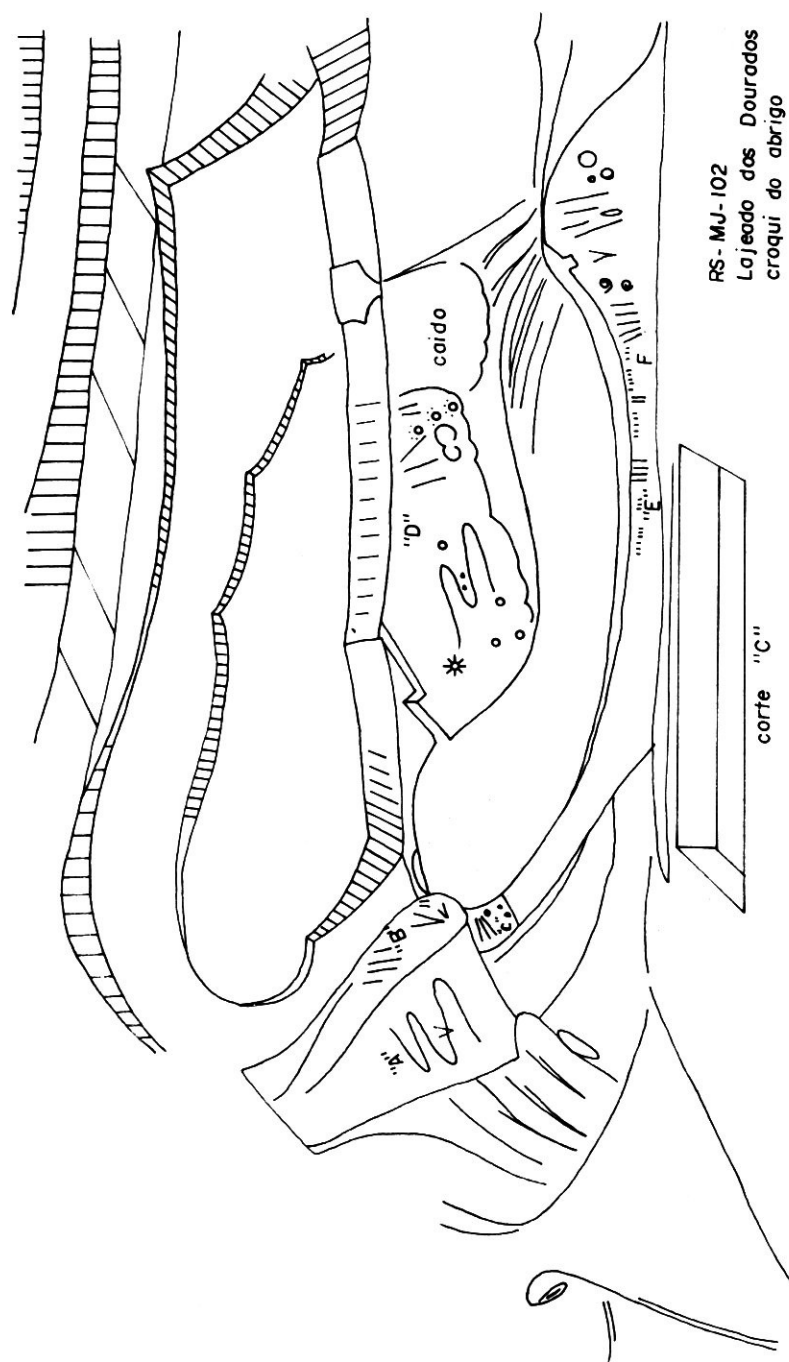
2. Croqui da gruta de Canemborá.



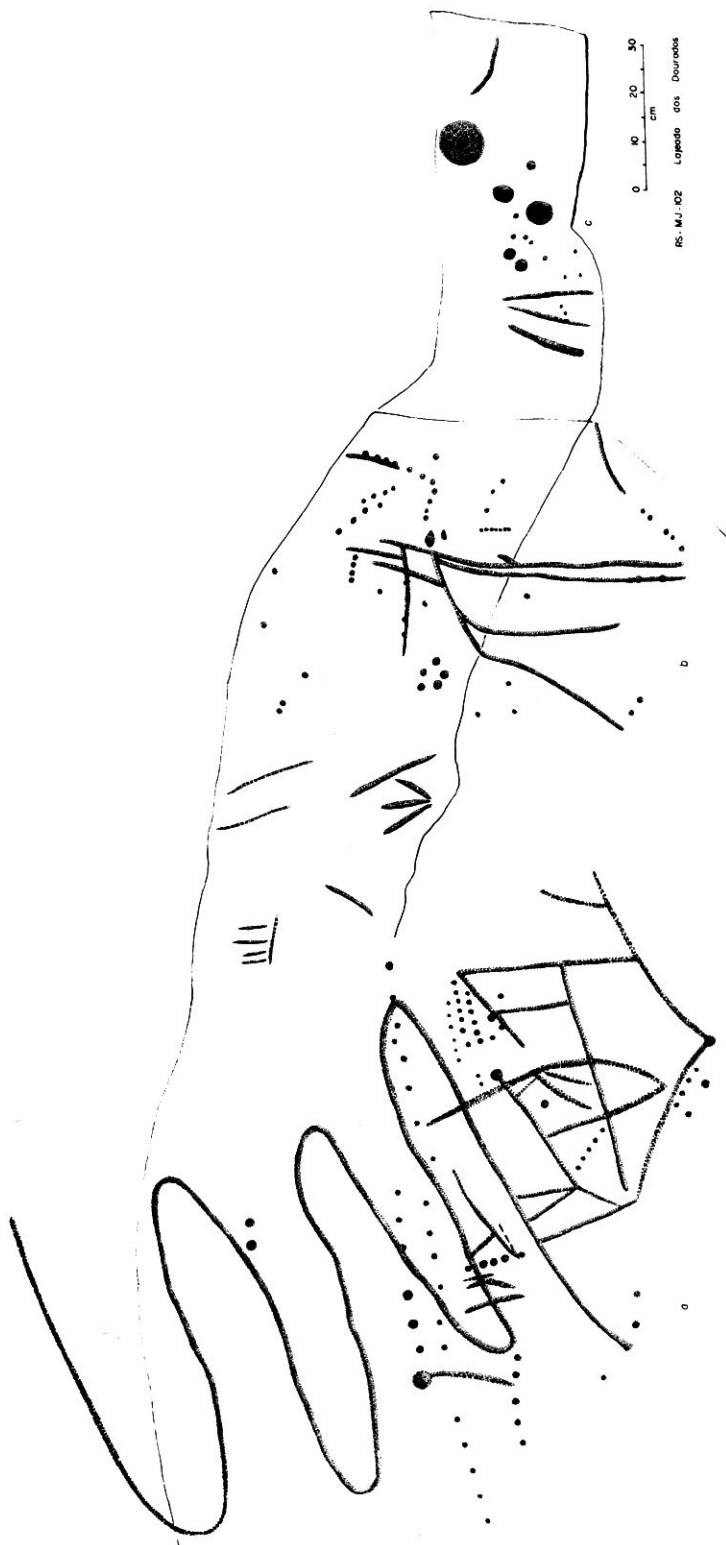
3. RS-MJ-15. Gruta de Canhemborá: conjuntos a b c' g h i j.



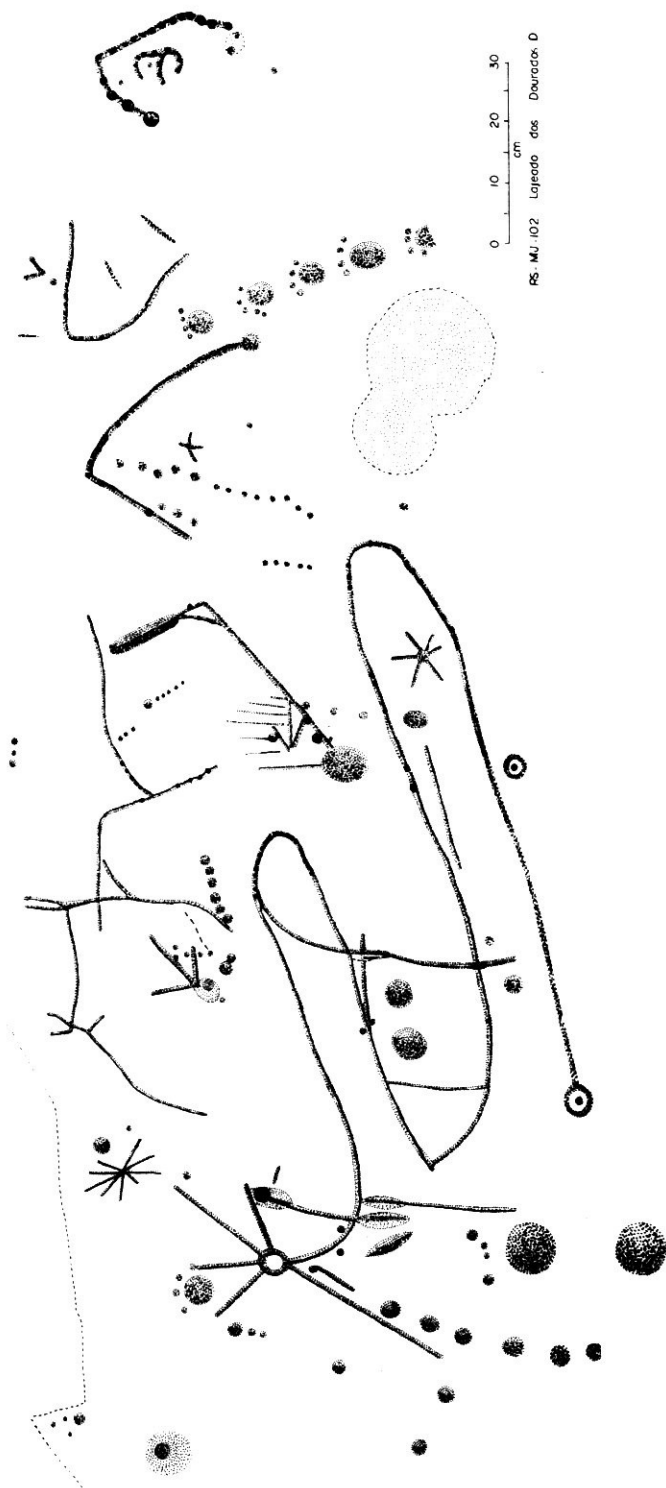
4. RS-MJ-15. Gruta de Canhemborá: conjuntos c d e f e fragmentos do Museu do Patronato Agrícola de Santa Maria.



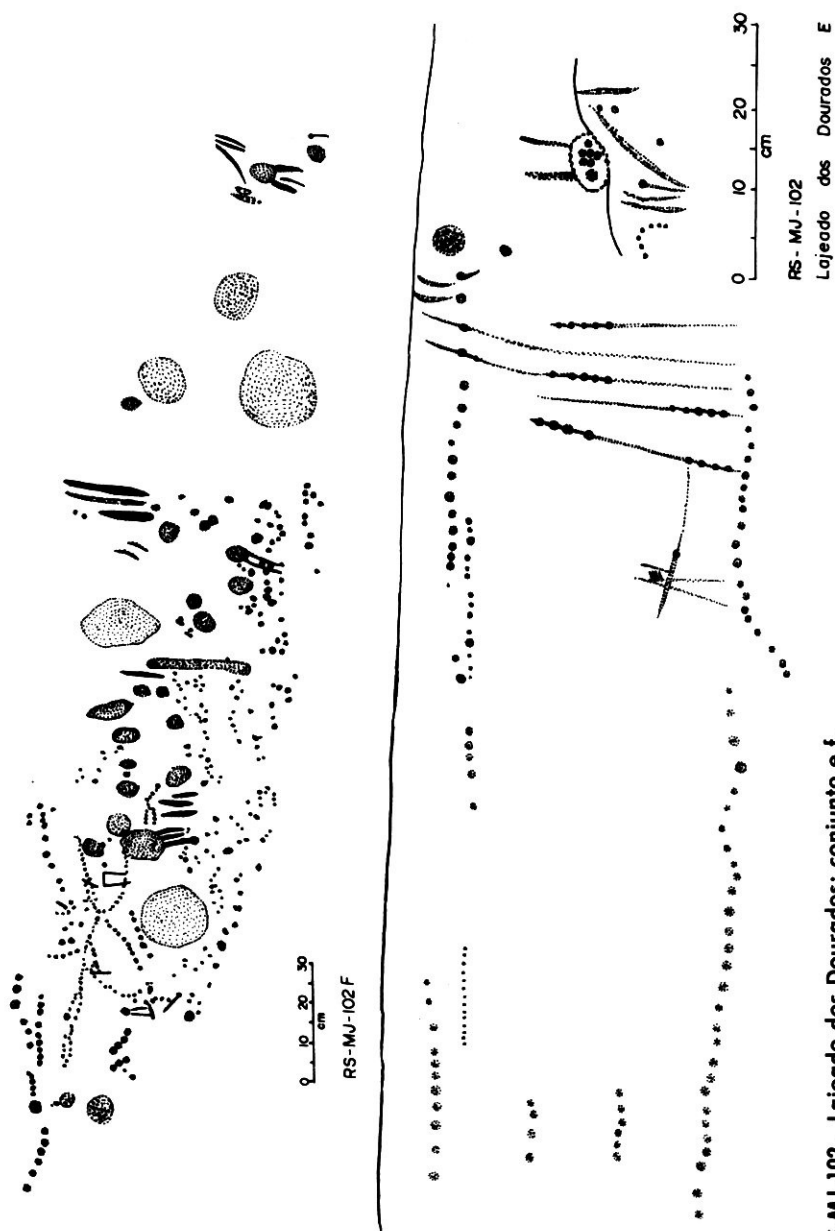
5. Croqui da gruta de lajeado dos Dourados.



6. RS-MJ-102. Lajeado dos Dourados: conjuntos a b c.



7. RS-MJ-102. Lajeado dos Dourados: conjunto d.



8. RS-MJ-102. Lajeado dos Dourados: conjunto e f.

QUADRO DOS TIPOS DOS SÍTIOS CANHEMBORÁ E LAJEADO DOS DOURADOS

tipo sítio	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O
01	/	∨	→	*	∨	∨	∨	•	•	•	•	•	•	•	•
02		∨	→	*	∨	∨	∨	•	•	•	•	•	•	•	•
03		∨	→	*	∨	∨	∨	•	•	•	•	•	•	•	•
04		∨	→	*	∨	∨	∨	•	•	•	•	•	•	•	•
05															
06															
07															
08															
09															
10															
11															
12															
13															
14															
15															
16															

9. Quadro dos tipos das grutas de Canhemborá e Lajeado dos Dourados.

GRÁFICO 1 - PERCENTAGEM DOS TIPOS
CANHEMBORÁ

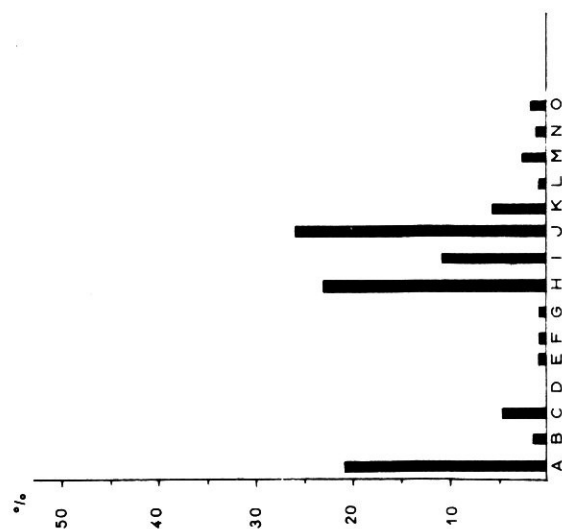
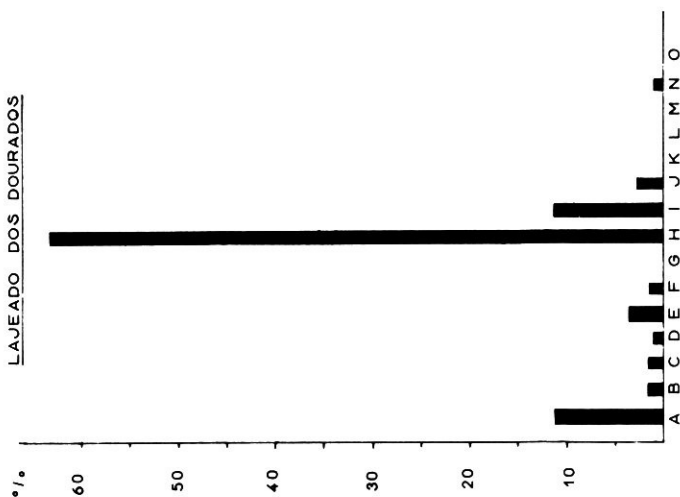


GRÁFICO 2 - PERCENTAGEM DOS TIPOS
LAJEADO DOS DOURADOS



RS — MJ — 53 A, B e C: **Abrigos da linha Sétima** (Fig. 10)

Os dois primeiros abrigos são contíguos e se abrem na metade da altura da escarpa de um esporão rochoso. Estão distanciados somente 30 m da margem direita do rio Jacuí e se acham respectivamente a 18 e 14,5 m sobre o seu nível de cheia. O terceiro abrigo dista dos primeiros perto de 100 m, rio acima, distando do rio apenas uns 5 m e sendo invadido por ele nas cheias. O rio Jacuí aqui corre a uns 50 m s.n.m.

O primeiro abrigo (A), situado à maior altura, está orientado para sudeste e mede atualmente 6 m de largura, 3 m de profundidade e 4 m de altura. Com estas dimensões representa porém somente a metade direita que restou de uma gruta muito maior que teria pelo menos o dobro da largura do abrigo atual e maior profundidade. O desmoronamento do teto desta gruta teria ocorrido, ao que tudo indica, antes de ter sido ocupada.

Todos os petroglifos se concentram na parede do fundo do abrigo, plana e inclinada para fora, formando um painel que mede 5 m de largura por 2,5 m de altura. Fig. 11.

O segundo abrigo (B), orientado para leste, mede 6 m de largura, 4 m de profundidade e 4 m de altura; encontra-se um pouco abaixo do primeiro e somente apresenta petroglifos sobre a superfície plana e horizontal de um grande bloco esfoliado do teto. Fig. 12, parte de cima.

O terceiro abrigo (C), orientado para leste, mede 14 m de largura, 2 m de profundidade e 4,2 m de altura; apresenta somente alguns petroglifos na parede ao nível do chão e parcialmente enterrados. Fig. 12, parte do meio.

RS — MJ — 105: **Pequeno bloco junto ao lajeado dos Dourados**

Entre a gruta (RS-MJ-102) e o rio, no limite do nível da cheia, encontra-se um pequeno bloco de arenito, de 150 x 115 x 121 cm, cujo lado exposto apresenta sulcos e pequenas depressões. Fig. 12, parte de baixo.

RS — SM — 7: **Abrigo da Pedra Grande** (Fig. 13)

O abrigo da Pedra Grande está formado por um bloco de arenito de enormes dimensões, solevado e orientado NNO-SSE,

que mede 86,5 m de comprimento, 9 m de espessura máxima e 8,5 m de altura máxima no centro. O bloco se encontra em um pequeno vale situado a 160 m s.n.m., cercado de elevações e aberto para o sul, por onde é drenado por um afluente do arroio Ribeirão e do rio Toropi, subafluente do Ibicuí que se dirige ao rio Uruguai.

O bloco se inclina para ENE e sua face por este lado é um pouco côncava, formando um abrigo muito largo e pouco profundo, que mede 70 m de comprimento por somente 2 m de profundidade e 8 m de altura máxima.

Os petroglifos se acham concentrados na zona central do abrigo, onde este apresenta maior profundidade. Formam um painel que mede 24 m de comprimento e alcança mais de 2 m de altura. Dois outros conjuntos muito menores se encontram muito distanciados nas duas extremidades do bloco onde não há praticamente mais nenhuma proteção do abrigo. Fig. 14, 15, 16, 17.

Datações

Temos uma única datação radiocarbônica para o abrigo da linha Sétima:

905 \pm 95 a.P.: A.D. 950 – 1140 (30-40 cm), (SI-1196)

Esta data deve corresponder ao período pré-cerâmico da ocupação, pois somente foi encontrada cerâmica até os 20 cm de profundidade.

O conjunto de datações absolutas, radiocarbônicas e num caso históricas da Pedra Grande, está representado a seguir, com as datas na sua ordem natural e as camadas a que pertencem interdigitadas estratigraficamente.

A.D. 1633-1637 (superfície) datação histórica, correspondente à Redução de S. José.

A.D. 1305-1385 (C2, 30-40 cm), (SI-1002)

A.D. 1110-1190 (C2, 60-70 cm), (SI-1003)

900-790 a.C. (C10, 70-80 cm), (SI-1004)

Técnica de produção dos petroglifos

Todos os petroglifos dos abrigos da Sétima e do bloco RS-MJ-105 foram gravados pela técnica do polimento. Os sulcos apresentam secção em U e medem de 8 a 15 mm de largura com profundidade entre 10 e 20 mm. As perfurações medem desde 5 mm até 10 mm de diâmetro, com profundidade desde 5 mm até 5 cm.

Todos os petroglifos do abrigo da Pedra Grande foram gravados, porém se observam três técnicas distintas de gravação. Uma por picoteamento e raspagem, como na gruta de Canhemborá. Uma por polimento, como nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e no abrigo da linha Sétima. Finalmente, as perfurações menores parece que foram muitas vezes obtidas broqueando a parede com uma ferramenta rotativa, como na gruta do lajeado dos Dourados. As técnicas de gravação foram as mesmas observadas nos outros abrigos e grutas, mas as secções e profundidades dos sulcos apresentam maiores variações. Os sulcos executados por picoteamento e raspagem são largos e rasos. Os sulcos polidos apresentam secções em U muito rasas, ou em V muito agudas, que medem desde 2 a 3 mm até quase 2,5 cm de largura, com profundidades correspondentes. As perfurações podem ser polidas ou broqueadas e medem desde 2 ou 3 mm até quase 20 cm de diâmetro, com profundidades desde uns 2 ou 3 mm até quase 15 cm.

Muitas vezes os sulcos ou perfurações apresentam uma pintura de cor preta no seu interior, a qual parece ter sido executada aplicando o pigmento por fricção com um fragmento mineral brando ou previamente macerado.

Na parte inferior do painel não se observa pintura nas gravações, possivelmente por ser esta parte muito lavada pelas chuvas, já que devido à pequena profundidade, o teto não constitui abrigo suficiente.

Motivos do abrigo A da Linha Sétima e do abrigo da Pedra Grande. (Fig. 18)

- A — Sulcos retilíneos, simples ou paralelos.
- B — Sulcos retilíneos que tendem a convergir.
- C — Sulcos retilíneos que formam um ângulo agudo.
- D — Sulcos retilíneos convergentes.

- E — Sulcos retilíneos paralelos que se encontram com outro sulco em ângulos agudos.
- F — Sulcos retilíneos que se cortam ou encontram formando ângulos agudos.
- G — Sulcos perpendiculares combinados a sulcos formando ângulos agudos.
- H — Sulcos que se encontram ou cortam perpendicularmente.
- I — Combinações de sulcos curvilíneos e retilíneos.
- J — Campos delimitados com sulcos retilíneos.
- K — Triângulo.
- L — Sulcos curvos isolados.
- M — Sulcos curvos em "âncora".
- N — Pequenas depressões isoladas.
- O — Pequenas depressões agrupadas assimetricamente.
- P — Alinhamentos de pequenas depressões simples ou paralelas.
- Q — Grandes depressões simples.
- R — Grandes depressões com sulcos irradiantes ou secantes.
- S — Pegadas de felino isoladas ou agrupadas.
- T — Símbolos sexuais femininos.

Os petroglifos foram produzidos por linhas e pontos. Na classificação de motivos de arte rupestre, proposta por J. Gradin (1970), a quase totalidade são motivos abstratos; representativos esquematizados biomorfos podem ser considerados DO1 e DO4 (pisadas de aves), S (pisadas de felinos), T (símbolos sexuais femininos).

Estes últimos (S,T), estão agrupados num dos extremos do painel da Pedra Grande em cuja frente se conseguiu a data mais antiga do abrigo; estes petroglifos (já) não apresentam pintura o que os faz parecerem mais antigos que os demais. Estes petroglifos têm a morfologia e a idade dos petroglifos de Canhemborá e Lajeado dos Dourados e poderiam ser classificados no esquema daqueles; só não o foram porque é difícil separar exatamente todos os petroglifos mais antigos dos mais recentes, com os quais estão misturados.

No abrigo da Pedra Grande é muito comum a sobreposição de motivos distintos: principalmente a de perfurações menores no interior de outras perfurações maiores ou de sulcos, ou a de perfurações maiores no interior das grades formadas pelos sulcos.

Os círculos e elipses descritos como motivo T, gravados por picoteamento e raspagem, em geral se acham também parcialmente obliterados pela superposição de gravuras de alguns dos motivos arrolados acima como 1-8, executadas por polimento. Entre estes últimos se observa também a substituição parcial de gravações já quase obliteradas pelo tempo, por outras novas. Isto ocorre principalmente quando a superfície sobre a qual foi gravado um motivo desapareceu pela esfoliações de uma fina camada do arenito. Então foi gravado um outro motivo, quase sempre de menores dimensões, sobre a nova superfície criada na cicatriz.

Este fato possibilitou o estabelecimento de uma cronologia relativa das gravações, pois se observa que:

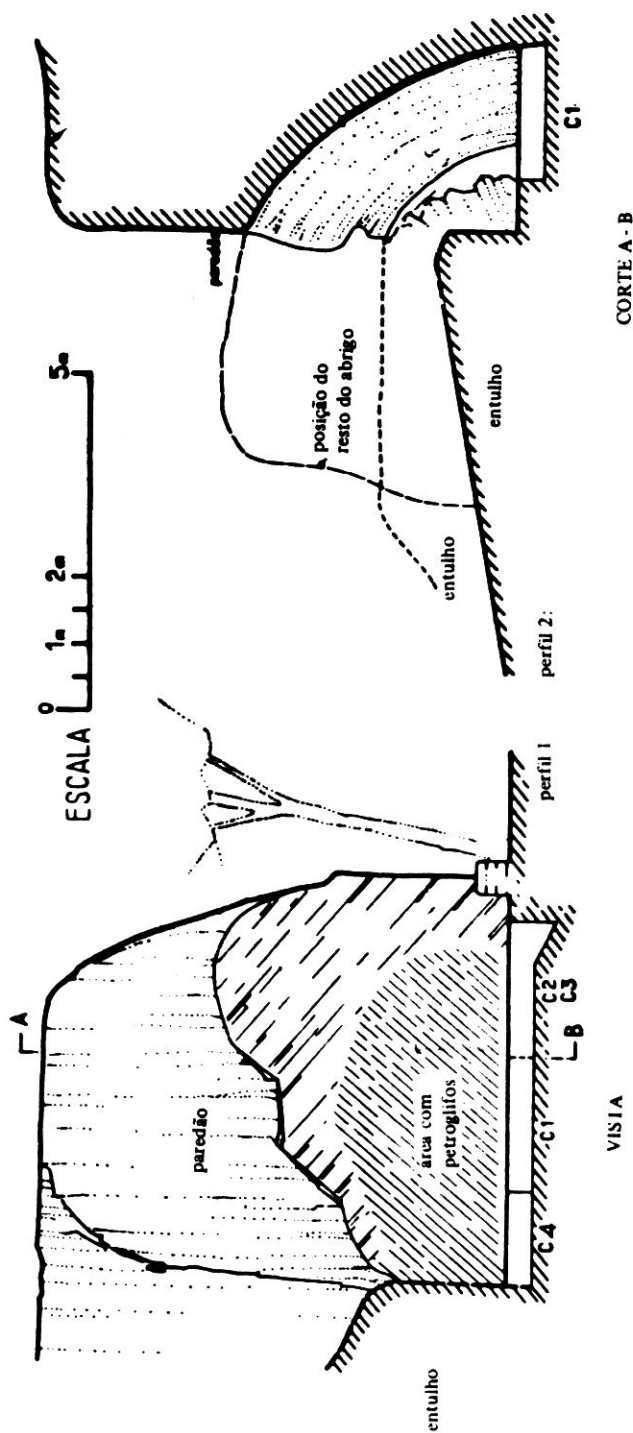
a) os círculos e elipses gravados por picoteamento e raspagem foram obliterados por motivos gravados por polimento; e

b) de cada vez que esfoliaram partes destas gravações por polimento, executadas com sulcos profundos e largos, muitas vezes com pigmento preto no seu interior, sempre foram substituídas por outras de menores dimensões, principalmente pisadas de ave com mais de três dedos, gravadas com sulcos mais estreitos e rasos e que não apresentam restos de pintura.

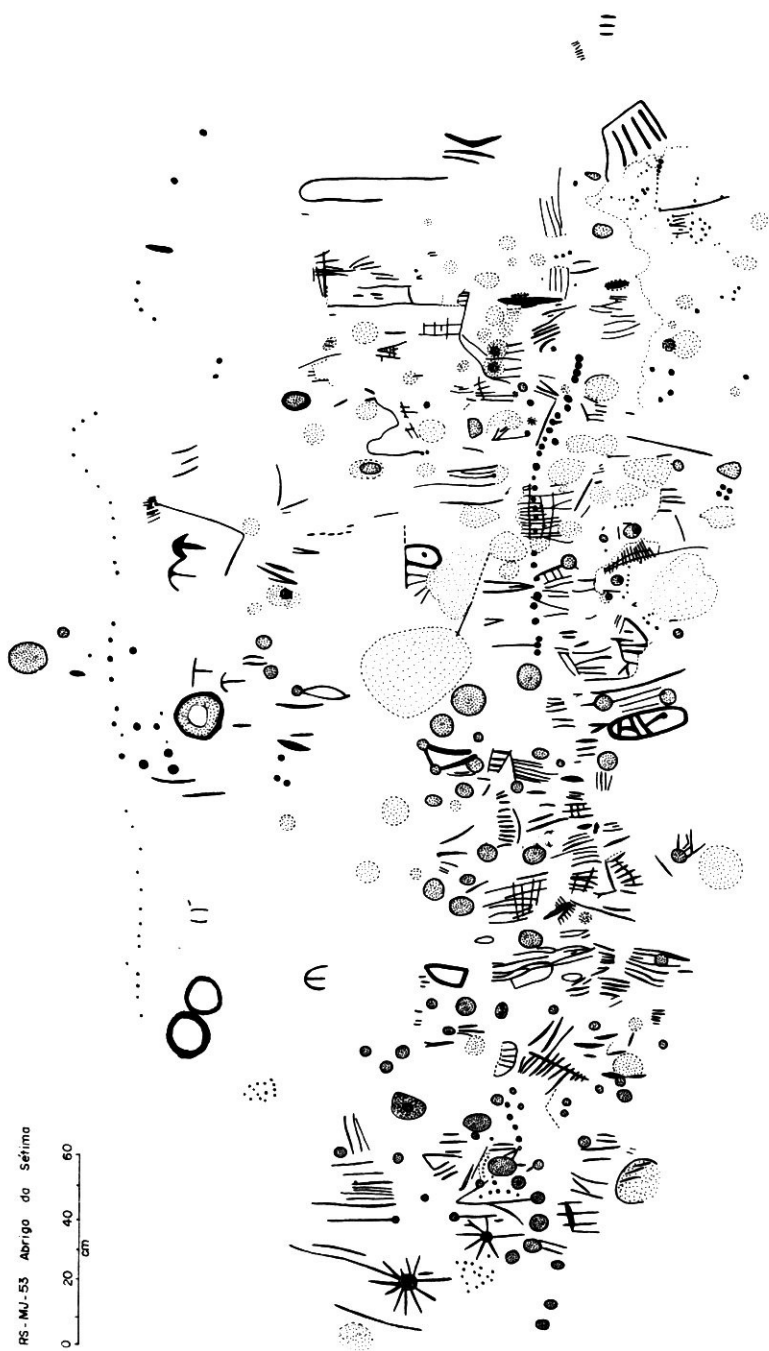
Temos, portanto, estabelecida uma diacronia entre o que poderíamos chamar de três estilos diferentes, caracterizados pelas diferentes técnicas, motivos e dimensões das gravuras.

Como as novas gravações só foram executadas depois da esfoliação da superfície onde estavam as antigas, devem estar separadas por bastante tempo.

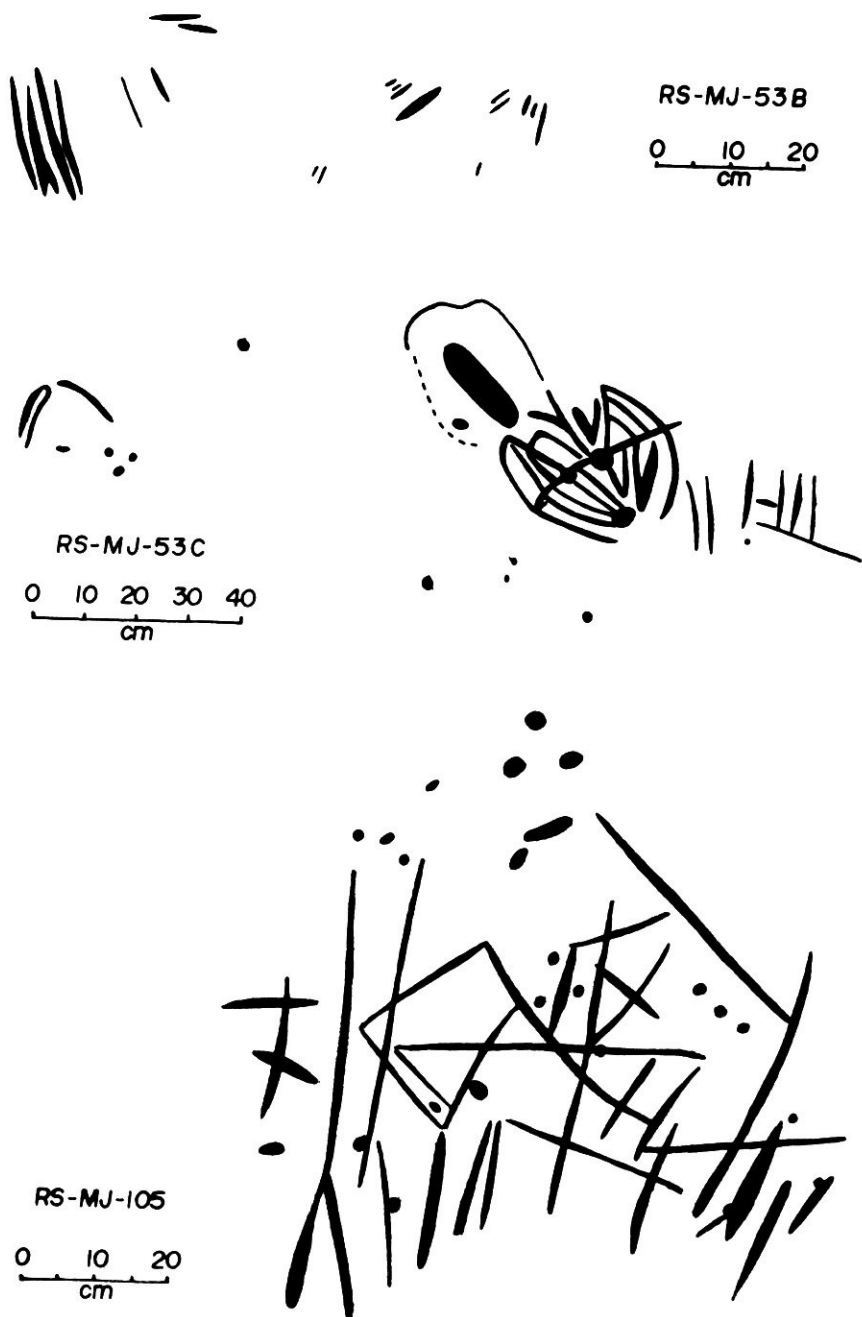
Na leitura do quadro e dos gráficos 3 e 4, correspondentes aos sítios da Linha Sétima e Pedra Grande, percebe-se, em linhas gerais, uma alta freqüência dos tipos A,N,Q, seguidos pelo tipo P. Em menor freqüência os demais tipos. Esta proximidade qualitativa e quantitativa nos levou a classificá-los dentro do mesmo esquema e a atribuí-los à mesma fase.



10. RS-MJ-53. Abrigo da linha Sétima A.



11. RS-MJ-53. Abrigo da linha Sétima.



12. Sitios RS-MJ-53B, RS-MJ-53C, RS-MJ-105.



parte 2
→ continuação



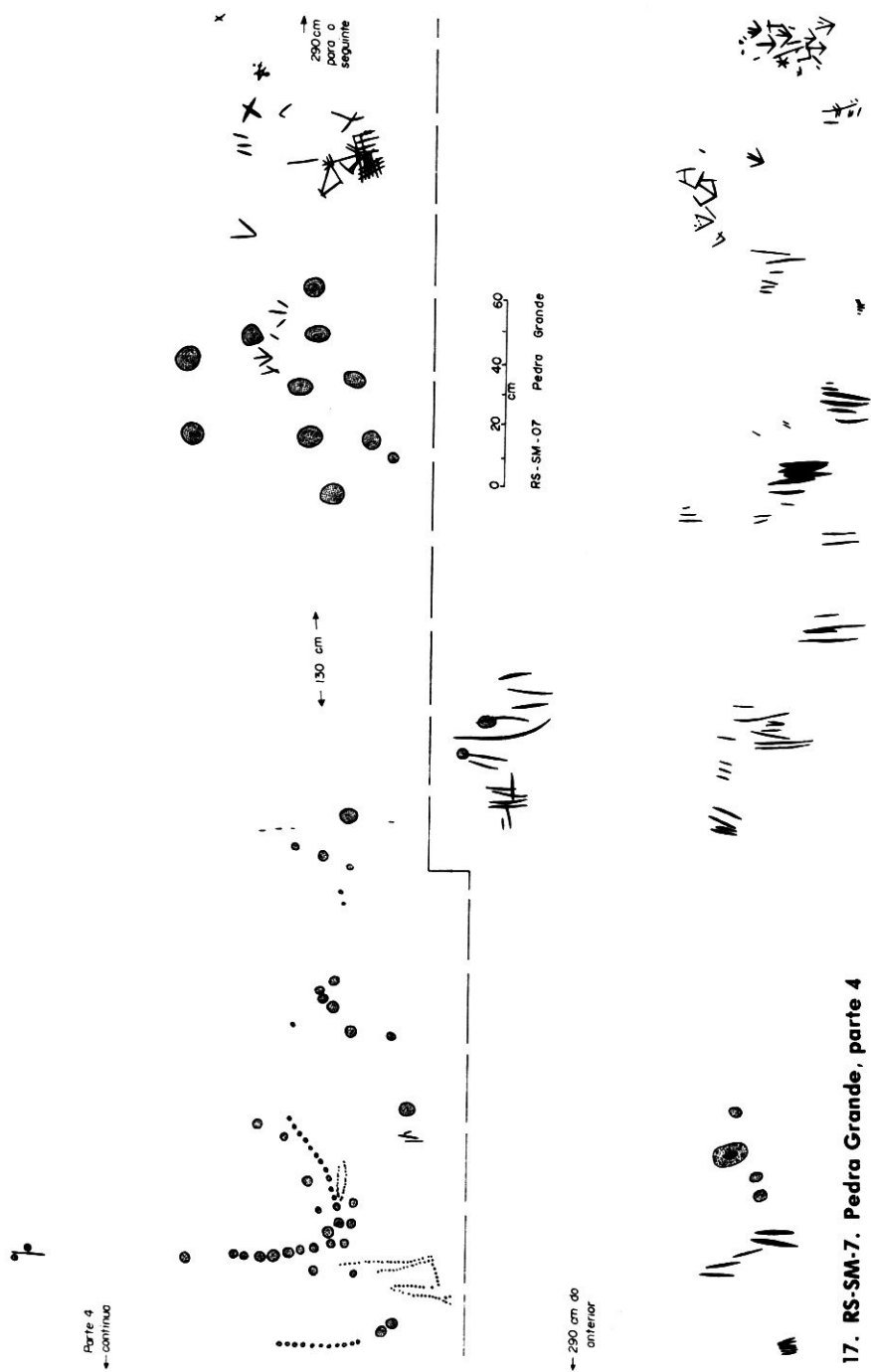
15. RS-SM-7. Pedra Grande, parte 2.

parte 3
← CONTINUA

continua →



16. RS-SM-7. Pedra Grande, parte 3.



tipo subtipo	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S	T
01	/	\\	∨	∨	Y	X	牛	ヨ	手	口	△	∪	∪	•	☉	☉	☉	☉
02	\\	∨	∨	→	↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪			...		☉	☉	☉
03		∨	∨	→	↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
04				☉	↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
05					↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
06					↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
07					↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
08					↑	米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
09						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
10						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
11						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
12						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
13						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
14						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉
15						米	牛	∪	☉	☉		∪	∪					☉	☉	☉

18. Quadro dos tipos dos sítios linha Sétima e Pedra Grande.

Quadro II: **A presença dos tipos nos dois abrigos.**

Linha Sétima			Pedra Grande		
Números absolutos		%	Números absolutos		%
A.	84	31,94	A.	560	29,06
B.	13	4,94	B.	48	2,49
C.	15	5,70	C.	28	1,47
D.	1	0,38	D.	65	3,37
E.	0	0	E.	14	0,73
F.	4	1,52	F.	60	3,11
G.	3	1,14	G.	12	0,62
H.	4	1,52	H.	31	1,61
I.	2	0,76	I.	6	0,31
J.	2	0,76	J.	3	0,16
K.	0	0	K.	1	0,05
L.	2	0,76	L.	8	0,42
M.	4	1,52	M.	16	0,83
N.	25	9,51	N.	325	16,87
O.	10	3,80	O.	15	0,78
P.	13	4,94	P.	97	5,03
Q.	65	24,71	Q.	570	29,58
R.	12	4,56	R.	28	1,45
S.	0	0	S.	19	0,99
T.	4	1,52	T.	21	1,09
<hr/>			<hr/>		
T:	263		T:	1927	

3. SEQUÊNCIA CRONOLÓGICA DOS PETROGLIFOS

A diacronia observada entre as gravações do abrigo da Pedra Grande pode ser estendida, por comparação, aos outros abrigos e grutas pesquisados na mesma área. Nem todos os motivos, assim como as suas dimensões e a técnica de sua execução, puderam na realidade ser nitidamente classificados em um ou outro dos três estilos propostos, mas a seguir procuramos indicar quais as características mais importantes de cada um.

Estilo A

Técnica: Predominantemente por picoteamento e raspagem, na gruta de Canhemborá e da Pedra Grande, talvez por polimento na gruta do lajeado dos Dourados.

Sulcos largos (até 2 cm de largura) e rasos (até 1 cm de profundidade). Depressões largas (6 a 14 cm de diâmetro) e rasas (5 a 25 cm de profundidade). Perfurações de diversas dimensões (desde 5 mm de diâmetro e de profundidade, até 10 cm de diâmetro e 3 cm de profundidade).

Na gruta de Canhemborá, os sulcos e depressões estão usualmente preenchidos com pigmento preto, verde, branco, roxo ou marrom.

Motivos: Pegadas de felino e pisadas de ave com três dedos, que formam rastros subindo pelas paredes, círculos ou elipses com perfurações ou sulco central (símbolo sexual feminino), sulcos retilíneos verticais paralelos (símbolo fálico), sulcos ondulantes (serpente) e meandros.

Dimensões: Grandes, ex.: pegada de felino de 6 a 8, ou de 12 a 14 cm de diâmetro na depressão central; pisada de ave: de 12 a 15 cm de altura.

Sítios onde se encontram: Grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e extremo esquerdo do painel principal do abrigo da Pedra Grande.

Posição temporal: No abrigo da Pedra Grande alguns motivos deste estilo se encontram debaixo de gravações do estilo seguinte (B).

Estilo B

Técnica: Predominantemente por polimento, mas as perfurações, às vezes, por picoteamento.

Sulcos largos (10 a 15 mm de largura) e profundos (10 a 25 mm de profundidade) com secção em U.

Perfurações menores (desde 5 mm até 1 cm de diâmetro), mas que podem ser mais profundas (desde 5 mm até 5 cm de profundidade) que as do estilo A.

No abrigo da Pedra Grande os sulcos e perfurações podem estar pintados interiormente de preto ou cor de chumbo.

GRÁFICO 3 - PERCENTAGEM DOS TIPOS
LINHA DA SÉTIMA

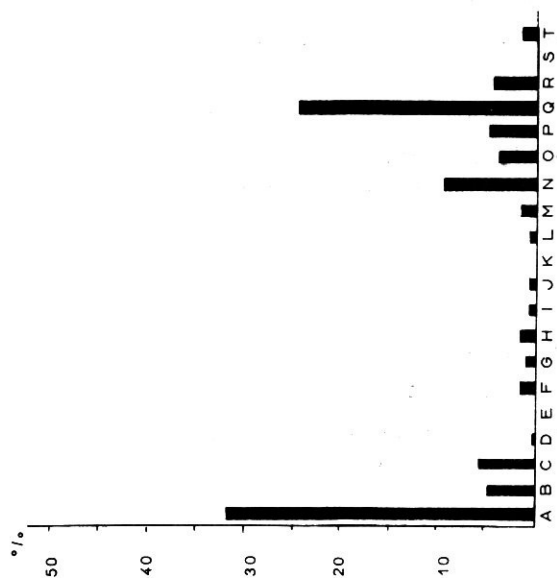
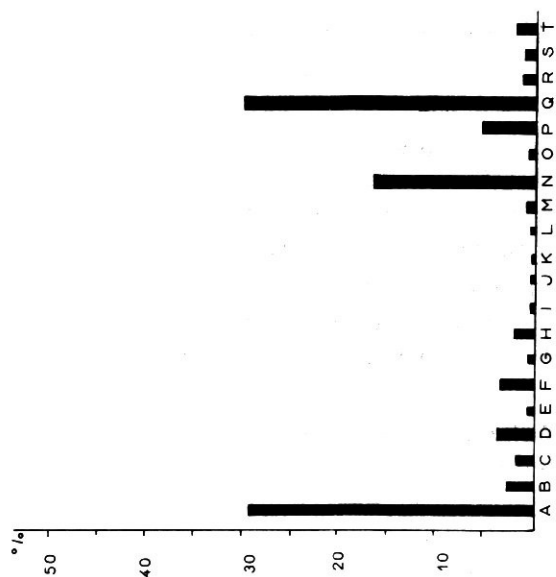


GRÁFICO 4 - PERCENTAGEM DOS TIPOS
PEDRA GRANDE



Motivos: Pisadas de ave com três dedos ou em forma de âncora, não formando rastros, sulcos curvilíneos em forma de U, sulcos retilíneos verticais e paralelos alinhados que podem estar ou não cortados por um ou mais sulcos horizontais, às vezes formando grades, espinhas de peixe e perfurações, em geral médias e picoteadas, alinhadas, às vezes desenhando figuras lineares, sulcos retilíneos entrecruzados (estrela) e perfurações das quais irradiam sulcos (sol).

Posição temporal: No abrigo da pedra Grande alguns dos motivos deste estilo se acham debaixo de gravuras do estilo C e superpostos a gravuras do estilo A.

Estilo C

Técnica: Sulcos estreitos (2 a 3 mm de largura) e relativamente rasos (2 a 3 mm de profundidade) com secção em U ou V, executados por polimento.

Sulcos mais largos (até 25 mm de largura) e mais profundos (até mais de 5 cm de profundidade) que os do estilo B com secção em V, curvilínea, e fundo côncavo que parecem afiadores. Perfurações cilíndricas, broqueadas, com pequeno diâmetro (de 2 a 5 mm) e pouca profundidade (2 a 10 mm).

Ausência de vestígios de pigmento.

Motivos: Em geral os mesmos que são mais freqüentes no estilo B, mas principalmente: pisadas de ave com três ou cinco dedos, sulcos retilíneos verticais e paralelos cortados por outros horizontais, freqüentemente formando grades, muitas vezes emolduradas por um sulco, perfurações pequenas alinhadas desenhando figuras lineares ou perfurações pequenas agrupadas e molduradas por sulcos.

Dimensões: Pequenas, ex.: pisadas de ave: entre 6 e 9 cm de altura.

Sítio onde se encontra: Abrigo da Pedra Grande.

Posição temporal: No abrigo da Pedra Grande alguns motivos deste estilo se superpõem a motivos do estilo B.

É necessário ressaltar que os estilos propostos não constituem provavelmente manifestações estanques, mas o mais provável é que representem momentos sucessivos de evolução através do tempo da mesma tradição de gravações rupestres.

Resumindo os dados a respeito de (a) lugares onde se observam os três estilos propostos e (b) superposições que serviram para efetuar a diacronização entre eles, temos:

ESTILO	LOCAL
C	— Somente no abrigo da Pedra Grande, superposto a gravações do estilo B.
B	— No abrigo da Pedra Grande, debaixo de gravações do estilo C e superposto a gravações do estilo A; no abrigo da linha Sétima; talvez também na gruta do lajeado dos Dourados.
A	— No abrigo da Pedra Grande, debaixo de gravações do estilo B; na gruta de Canhemborá; na gruta do lajeado dos Dourados.

Relacionando umas com as outras, as superposições das gravações características de estilos diferentes, como foram observadas nos diversos abrigos e grutas, é possível formar uma espécie de estratigrafia, através da qual, se A se encontra debaixo de B e B debaixo de C, podemos concluir que a seqüência dos três estilos propostos para os petroglifos deve ser, no sentido da passagem de tempo, isto é, do mais antigo para o mais recente:

A B C

Já vimos como as observações feitas no abrigo da Pedra Grande e, em menor escala, na gruta de Canhemborá, demonstram a existência de uma contemporaneidade, pelo menos geral, entre os petroglifos nelas gravados e as camadas arqueológicas depositadas no seu interior.

Por outro lado parece perfeitamente lógico o raciocínio que os ocupantes dos abrigos e grutas, responsáveis pela deposição das camadas arqueológicas no seu interior, tivessem sido também os que gravaram os petroglifos nas suas paredes e teto.

Combinando entre si (a) a seqüência cronológica relativa construída com os três estilos propostos para a diacronização dos petroglifos e (b) os momentos sucessivos de ocupação humana dos abrigos e grutas onde estes estilos se encontram representados temos que:

1. As grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados, onde se encontra somente o estilo A, foram ocupadas somente por portadores da mesma tradição cultural pré-cerâmica, sem pontas-de-projétil.

2. O abrigo da linha Sétima, onde se encontra somente o estilo B, também só foi ocupado por portadores da fase Rio Pardinho, nos seus momentos pré e pós-cerâmico.

3. O abrigo da Pedra Grande, onde se observam os três estilos (A, B e C) foi ocupado sucessivamente pelos portadores das duas tradições culturais acima, sendo que neste abrigo, a fase Rio Pardinho, provavelmente no seu momento pós-cerâmico, apresenta uma datação mais tardia do que no da linha Sétima: A.D. 1305-1585 (SI-1002). Recordamos então que o estilo C também só se observa neste abrigo.

As diversas coincidências espaciais e temporais — pois a ordem de sucessão dos estilos A, B e C também coincide com a das ocupações (1, 2, 3) — sugerem, portanto, o seguinte relacionamento.

estilo A — com a ocupação pré-cerâmica sem pontas-de-projétil nas grutas de Canhemborá e do lajeado dos Dourados e no abrigo da Pedra Grande, entre ca. 1100 a.C. e A.D. 800;

estilo B — com os portadores da fase Rio Pardinho pré-cerâmica, nos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande, ca. A.D. 900-1200;

estilo C — com os portadores da fase Rio Pardinho pós-cerâmica, no abrigo da Pedra Grande, ca. A.D. 1200-1400.

Não é possível atribuir nenhuma das gravações aos portadores da tradição cerâmica Tupiguarani, tanto na gruta de Canhemborá como no abrigo da Pedra Grande, porque em todo o imenso âmbito onde eles se espalharam no leste da América do Sul, jamais apresentaram este tipo de manifestação cultural. Também não se observam entre os petroglifos motivos que pudessem sugerir a intervenção dos índios da Redução ou dos missionários.

4. COMPARAÇÕES

Pedro A. Mentz Ribeiro descreve quinze sítios com petroglifos que se encontram na mesma escarpa do planalto, porém distanciados desde 80 até 300 Km para leste dos por nós pesquisados. Os

petroglifos se acham gravados em abrigos ou grutas ou sobre blocos ao ar livre, na parte alta dos vales de tributários do baixo Jacuí, como os rios Pardo, Taquari, Caí e Sinos, nos municípios de Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires, Montenegro, São Sebastião do Caí, Portão e Taquara. A técnica de gravação é em geral por polimento, e mais raramente por picoteamento e as gravações, com apenas uma exceção, foram também executadas sempre sobre rochas areníticas. (Ribeiro, 1969-70: 113-129; 1972 a: 3-14; 1972 b: 15-58; 1974 b: 16-22; Ribeiro *et al.*, 1973).

Ribeiro estabeleceu, em 1973, dois estilos ou tradições distintos para os petroglifos que descreve. O estilo ou tradição I representaria três fases. À fase A pertenceriam os petroglifos de onze dos quinze sítios estudados: linha Araçá II, Arroio Grande, Cerro Alegre, Cerro dos Bois I, Dona Josefa, Morro do Sobrado, Bom Jardim Velho, Virador I, Conceição I, Macaco Branco, Moquém. Pertenceriam também à fase A os petroglifos da gruta da Toca Grande, pesquisada por Eurico Th. Miller. (1967/8: fig. 16; Ribeiro, 1972 b:33-34).

A fase B estaria representada em um único sítio: Cerro do Baú II, e a fase C em outros dois sítios: Cerro do Baú III e a linha Araçá I. Nestes três sítios se observam somente alguns poucos sulcos retilíneos que poderiam ser simplesmente polidores do gume de instrumentos líticos.

A técnica de execução, as dimensões dos sulcos e perfurações e principalmente os motivos das gravações da fase A do estilo ou tradição I, correspondem em linhas gerais, ao nosso estilo B como se observa nos abrigos da linha Sétima e da Pedra Grande (Ribeiro, 1974 a:7). Excetuam-se os abrigos do Virador I e Conceição I, onde se observam os motivos que mais se diferenciam.

Os motivos comparáveis, mais comuns nos sítios descritos por Ribeiro, são:

- 1) sulcos retilíneos isolados ou agrupados que se unem ou entrecruzam.
- 2) pisadas de ave ou tridáctilos;
- 3) sulcos em forma de U, V e X;
- 4) grades;
- 5) espinhas de peixe, árvores ou emplumaduras de flecha;
- 6) linhas quebradas;
- 7) triângulos, losangos, estrelas, vulvas etc.;

- 8) perfurações isoladas ou mais freqüentemente alinhadas. (Ribeiro, 1969-70:113-124; 1972:3-14; 1972:15-58; 1974 a:7; 1974 b:16-22; Ribeiro *et al.* 1973:13).

Não se observam as pisadas de felino, os círculos com ponto ou sulco central etc., que caracterizam o nosso estilo A.

Em um único sítio, Cerro do Baú I, encontrou uma gravação picoteada de um quadrúpede esquematizado, o que corresponde ao seu estilo ou tradição II. (Ribeiro *et al.*, 1973: 13).

Quatro dos quinze sítios foram escavados. Em três deles: RS-C-14, Bom Jardim Velho, Virador I e Cerro Alegre, Ribeiro identificou um nível inferior com pontas que atribui à fase Itapuí, e onde obteve a datação radiocarbônica 5655 ± 140 a.P. (3705 a.C.) (SI-1199). Nos dois primeiros havia, além disso, um nível superior com cerâmica da tradição Taquara, onde obteve duas datações radiocarbônicas: 745 ± 115 a.P. (A.D. 1090-1320) (SI-1198) e 630 ± 205 a.P. (A.D.1115-1525) (SI-1201).

Em seis outros sítios não escavados, havia cerâmica da tradição Tupiguarani na superfície, ou no interior do próprio abrigo ou no exterior até 100 m de distância.

O fato de que a segunda ocupação dos abrigos com petroglifos comparáveis ao nosso estilo B se situa na mesma faixa temporal (ca. A.D. 1100-1500), mas em vez do material arqueológico da fase Rio Pardinho se encontra cerâmica da tradição Taquara, propõe um interessante problema até agora não solucionado. Relembramos no entanto, que é nestes dois sítios e no Virador I que se observam os petroglifos com motivos e dimensões mais diferentes do nosso estilo B (Ribeiro, 1969-70). No RS-C-14 Bom Jardim Velho havia apenas um motivo gravado, diversos sulcos retilíneos que se entrecruzam, formando uma estrela. (Ribeiro, 1972 b).

Entre os petroglifos gravados da República Argentina também se encontram freqüentemente conjuntos muito semelhantes tanto na técnica como nas dimensões e motivos aos petroglifos do Rio Grande do Sul. Os motivos são principalmente as pegadas de felino, as pisadas de ave, os sulcos retilíneos, os círculos, os labirintos e os grupos de perfurações e se acham gravados, como os nossos, no interior de abrigos e grutas, ou então sobre paredes ou em rochas isoladas. São observados desde o sul da Patagônia (Chubut e Santa Cruz), norte da Patagônia (Neuquén e Río Negro). Cuyo (San Juan e Mendoza) até o Noroeste (Jujuy, Salta,

Tucumán, Catamarca e La Rioja). (Aparício, 1935:83-87; Menghin, 1952:9-10, 13-15; Freyre, 1956/7:60-75; Schobinger, 1962/3:151-171; Lorandi de Gieco, 1966:15-172; Gradín, 1970: 427-431; 1971:115).

Há somente uma informação para a Mesopotâmia, numa área próxima da nossa área do Rio Grande do Sul, em Yapeyú, na Província de Corrientes, gravados sobre rochas isoladas na margem do rio Uruguai. Segundo J. Gradín, são constituídos de sulcos profundos retilíneos, paralelos ou entrecruzados, formando cruzes ou estrelas de sulcos circulares, algumas vezes com outros retilíneos irradiando da periferia. (Gradín, 1970:427-431).

O.F. Menghin estabeleceu três fases ou estágios para os petroglifos da Argentina:

1) "Pinturas arcaicas" (negativos de mãos, cenas naturalistas e figuras geométricas muito simples);

2) "Grabados de pisadas" (estilo de pisadas);

3) "Pinturas y grabados recientes (estilo de paralelas, greças, grabados finos y símbolos complicados)". (Menghin, 1957: 61; Gradín, 1970:425; 1975:16).

Os nossos propostos estilos A, B e C podem ser classificados ou correspondem, técnica e formalmente, à sua segunda fase ou estágio, caracterizada pelo aparecimento da técnica de gravações, em oposição à da pintura que caracterizava o primeiro, e representada pelo estilo de pisadas.

Alguns dos conjuntos de gravuras do estilo de pisadas do sul da Patagônia (Santa Cruz), publicados por F. de Aparício (Aparício, 1935: fig. XXX, XXXI, XXXIII, XXXIV), podem servir de exemplo das semelhanças existentes, pois parecem cópias dos petroglifos do nosso estilo A das grutas do Rio Grande do Sul.

Cronologicamente as gravações, e em especial o estilo de pisadas, teriam começado ca. 2000 a.C. (Gradín, 1970:432-439), ca. 2500 a.C. (Gradín, 1971:115), ou ca. 3000 a.C. (Gradín, 1975:17) e se estendido até o período imediatamente anterior ao histórico.

Alguns dos motivos, como os círculos e meandros gravados com sulcos muito profundos, encontrados principalmente em Cuyo (sul de Mendoza) e no norte da Patagônia (Neuquén e norte de Chubut), representariam influências "amazônicas" (Gradín, 1975: 432-439).

Os petroglifos gravados do estilo de pisadas são atribuídos por O.F. Menghin aos grupos caçadores do sul da Patagônia, portadores da indústria lítica Patagônica, a mesma que encontramos — na sua forma chamada por J. Schobinger Subpatagônica, incluindo a fase Rio Pardo — nos abrigos e grutas do Rio Grande do Sul, também relacionada com petroglifos que correspondem ao mesmo estilo (Menghin, 1957:61; Gradin, 1971:114; 1975:17; Schobinger, 1969:203-204; 217-218; 239; fig.57).

A.M. Lorandi de Gieco (Lorandi de Gieco, 1966: 15-172), estudando os petroglifos gravados do Noroeste (norte de La Rioja, sul e centro de Catamarca), estabeleceu quatro estilos distintos. Os petroglifos estão gravados por picoteamento ou polimento em paredes ou sobre blocos ao ar livre. Entre os cinquenta e um motivos descritos, encontramos ao menos treze comparáveis aos dos petroglifos do Rio Grande do Sul (4, 19, 20, 23, 24, 27, 30, 32, 33, 35, 36, 37 e 40. (Lorandi de Gieco, 1966:35 ss). Porém somente quatro destes motivos aparecem como sendo característicos de dois dos quatro estilos estabelecidos.

No seu estilo I aparecem “huellas de felino” (4) (Lorandi de Gieco, 1966:33-150) e no seu estilo II, “huellas de ñandu o de aves o de pájaros en general” (19), “líneas onduladas” (30) e “puntos o diseños formados por puntos” (32). (Lorandi de Gieco, 1966:34, 154).

No entanto, estes motivos constituem sempre somente alguns dos elementos mais simples que serviram para caracterizar os estilos I e II e estão sempre acompanhados de outros muito mais complicados, como representações de lhamas, felinos, emas, sáurios, rostos ou figuras humanas etc.

Apesar disso, é possível reconhecer nas ilustrações muitos conjuntos de motivos semelhantes aos nossos, que não incluem motivos mais complicados.

5. SÍNTESE

Foi possível constatar que na encosta do planalto meridional do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, se encontram abrigos e grutas em cujo interior se acham gravados petroglifos que podem ser classificados no estilo de pisadas, muito difundido mais para o sul e oeste no território argentino. Além disso, como na Ar-

gentina, os petroglifos do Rio Grande do Sul parecem também estar relacionados com as pontas-de-projétil pedunculadas e com aletas incluídas por J. Schobinger nas indústrias líticas Subpatagônicas, atribuídas aos caçadores da cultura Patagônica, a quem O.F. Menghin atribuiu também os petroglifos deste estilo.

A faixa de tempo dentro da qual cremos poder situar os nossos petroglifos (ca. 1100 a.C. — A.D. 1600) também corresponde à do estilo de pisadas na Argentina (ca. 3000 a.C. — A.D. 1600).

Não é de nenhuma maneira impossível que uma mesma tradição cultural — indústria lítica e estilo de petroglifos — se tivesse estendido sobre essa imensa distância, de mais de dois mil e quinhentos quilômetros, desde o sul da Patagônia até o centro do Rio Grande do Sul, porém não possuímos nenhuma informação segura a respeito do verdadeiro sentido da difusão. A distribuição dos abrigos e grutas com petroglifos ao longo da escarpa do planalto, penetrando pelo vale do rio Jacuí, sugere a idéia do planalto como um obstáculo anteposto e do vale deste rio como uma rota de penetração de tradições provenientes do sul. Além disso, os sítios com petroglifos deste estilo na República Argentina se contam por centenas e apresentam uma imensa dispersão geográfica, enquanto que no Rio Grande do Sul foram encontrados até agora somente em dezoito locais concentrados numa área restrita e não há notícia da existência de petroglifos semelhantes mais ao norte sobre o planalto.

Tudo leva a crer, portanto, que o sentido da difusão tivesse sido do sul para o norte.

A situação dos abrigos e grutas, na transição entre dois biomas distintos — localizados dentro de uma bioma fechado, a estreita faixa da floresta tropical da escarpa, mas abrindo para um bioma aberto, os campos cobertos de gramíneas que se estendem para o sul — seria ditada pela necessidade de explorar os dois ambientes ao mesmo tempo, uma situação característica dos caçadores tropicais.

RECONHECIMENTO:

Este trabalho se tornou possível com os auxílios fornecidos pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacio-

nal (IPHAN) e a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) para os trabalhos de campo e as bolsas de pesquisa do CNPq para os dois autores.

Na cópia dos petroglifos colaboraram as professoras Ítala Irene Basile Becker e Maria Helena Abrahão Schorr, do Instituto Anchietano de Pesquisas.

Na elaboração dos painéis dos petroglifos, em laboratório, auxiliaram Ervino Barth e Beatriz Ana Lohner, da UFRGS, Liane A. Kohlrausch, do Instituto Anchietano de Pesquisas, que desenhou as formas reduzidas e Amílcar d'Ávila de Mello, também do Instituto Anchietano de Pesquisas, que classificou o material e preparou os quadros e gráficos.

Agradecemos também ao Prof. Eduardo Trebin, aos Senhores Heldemar Baldur Repke, Lincoln Steuernagel, à família Manske e de modo especial à CEEE pelas facilidades proporcionadas no trabalho de campo.

6. BIBLIOGRAFIA

APARÍCIO, F.

1935 — Viaje preliminar de exploración en el territorio de Santa Cruz. **Publicaciones del Museo de Antropología y Etnología de la Facultad de Filosofía y Letras**. Buenos Aires, vol. 3.

FREYRE, J.C.

1956/7 — Arte rupestre en la provincia de La Rioja (Rep. Argentina). **RUNA**, Buenos Aires, vol. 8, t. 1.

GALVÃO, M.V.

1967 — Regiões bioclimáticas do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 29, t. 1.

GRADIN, C.J.

1970 — Pictographs and Petroglyphs in Argentina — a preliminary report. In: **Actes du symposium international de l'art préhistorique**, Valcamonica Symposium, Capo di Ponte.

- 1971 — A propósito del arte rupestre en Patagonia meridional. **Anales de Arqueología y Etnología**, Mendoza, vol. 25.
- 1975 — **Contribución a la arqueología de La Pampa: Arte Rupestre**. Dirección Provincial de Cultura, La Pampa.
- LORANDI DE GIECO, A.M.
- 1966 — El arte rupestre del N.O. Argentino (área del norte de La Rioja y sur y centro de Catamarca). **Dédalo, Revista de Arte e Arqueología**, São Paulo, vol. 4.
- MENGHIN, O.F.A.
- 1952 — Las pinturas rupestres de la Patagonia. **RUNA**, Buenos Aires, vol. 5.
- 1957 — Estilos del arte rupestre de Patagonia. **Acta Praehistorica**, Buenos Aires, vol. 1.
- MILLER, E.Th.
- 1967/8 — Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no nordeste do Rio Grande do Sul. In: **PRONAPA**, Resultados preliminares do V ano.
- MONTEIRO, C.A.F.
- 1963a — Geomorfologia. In: **Geografia do Brasil** — Grande região Sul. IBGE, CNG, Rio de Janeiro, vol. 4, t. 1.
- 1963b — O clima da região sul. In: **Geografia do Brasil** — Grande região Sul. IBGE, CNG, Rio de Janeiro, vol. 4, t. 1.
- RAMBO, B., SJ
- 1956 — **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. Livraria Selbach, Porto Alegre, 2ª ed.
- RIBEIRO, P.A.M.
- 1969/70 — Inscrições rupestres no vale do rio Caí, R.G.S. (Brasil) (Nota prévia). **Anales de Arqueología y Etnología**, Mendoza, vol. 24/25.
- 1972a — Petroglifos do sítio RS—T—14: Morro do Sobrado, Montenegro — Rio Grande do Sul, Brasil — Nota prévia. **Iheringia**, Museu Riograndense de Ciências Naturais, Antropologia, Porto Alegre, vol. 2.
- 1972b — Sítio RS-C-14: Bom Jardim Velho (abrigo-sob-rocha) — Nota prévia. **Iheringia**, Museu Riograndense de Ciências Naturais, Antropologia, Porto Alegre, nº 2.
- 1974a — Os petroglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, R.G.S., Brasil — Nota Prévia. **Revista do CEPA**, Centro

- de Ensino e Pesquisa Arqueológica, Santa Cruz do Sul, vol. 1.
- 1974b — Primeiras datações pelo método C-14 para o vale do rio Caí, Rio Grande do Sul. **Revista do CEPA**, Centro de Ensino e Pesquisa Arqueológica, Santa Cruz do Sul, vol. 2.
- RIBEIRO, P.A.M.; BAUMHARDT, G.C; MARTIN, H.; HEUSER, L.F; STEINHAUS, R.
- 1973 — Novos petroglifos na encosta centro-oriental da Serra Geral, Rio Grande do Sul — Brasil. Nota prévia. **Antropologia**, Museu do Colégio Mauá, Santa Cruz do Sul, vol. 2.
- ROMARIZ, D.A.
- 1963 — Vegetação. In: **Geografia do Brasil** — Grande região Sul. IBGE, CNG, Rio de Janeiro, vol. 4.
- SCHOBINGER, J.
- 1962/3 — Nuevos petroglifos de la Provincia de Neuquén. **Anales de Arqueología y Etnología**, Mendoza, vol. 17/18.
- 1969 — **Prehistoria de Suramérica**. Ed. Labor, Barcelona.

PROJETO MÉDIO-TOCANTINS: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama

Altair Sales Barbosa()*

*Pedro Ignacio Schmitz(**)*

*Angélica Stobäus(***)*

*Avelino Fernandes de Miranda (****)*

1. INTRODUÇÃO

Em julho de 1978 tiveram início os trabalhos de campo do Projeto Médio-Tocantins, concentrando-se, em sua primeira fase, nos arredores do município de Monte Carmo.

O Projeto Médio-Tocantins é parte integrante do Programa Arqueológico de Goiás e abrange uma área compreendida entre os paralelos de 9° a 12° sul (do município de Pedro Afonso até Peixe) e os meridianos de 47° a 49° oeste de Greenwich, no trecho médio do rio Tocantins, no estado de Goiás.

Até o momento foram estudados, na área, quatro sítios,

sendo 1 abrigo-sob-rocha lito-cerâmico, no qual se efetuaram cinco cortes estratigráficos, e três sítios abertos, cerâmicos, em cada um dos quais se realizou uma amostra sistemática de superfície para fins de tratamento quantitativo.

Os sítios foram cadastrados na seguinte ordem:

— GO-RS-01 — Ramusse Albuquerque Nóbrega (abrigo-sob-rocha),

— GO-RS-02 — Ramusse Albuquerque Nóbrega (sítio cerâmico a céu aberto),

— GO-RS-03 — Aldeia dos índios (sítio cerâmico a céu aberto),

— GO-RS-04 — Vital Ribeira

* Diretor do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, U.C.G.

** Instituto Anchieta de Pesquisas, UNISINOS, Bolsista DO CNPq.

*** Estagiária no Instituto Anchieta de Pesquisas.

**** Pesquisador do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, U.C.G.

ro Félix (sítio cerâmico a céu aberto).

Com os sítios cerâmicos estabelecemos a fase Pindorama, nome de uma cidade próxima.

Das pesquisas de campo participaram: Pedro Ignacio Schmitz (Coordenador), Altair Sales Barbosa (sub-coordenador); Avelino Fernandes de Miranda; Jussara Lousada Ferrari, Jesco von Puttkamer; os alunos Beatriz Aparecida Zanatta, Dulce Madalena Rios Pedroso, Marília Velho de Azevedo e os colaboradores Ramusse Albuquerque Nóbrega e Manoel dos Santos.

Em laboratório, o material lítico foi analisado por Altair Sales Barbosa, a cerâmica e os sepultamentos foram estudados por Pedro Ignacio Schmitz e Angélica Stobäus; os petroglifos por Pedro Ignacio Schmitz e Amílcar D'Ávila de Mello; os restos de alimentação por Angélica Stobäus.

2. AMBIENTES E SÍTIOS

A área em pauta localiza-se nas micro-regiões conhecidas como Tocantins de Pedro Afonso e Médio Tocantins Araguaia.

Partindo-se da cidade de Porto Nacional, situada a 237 m de altitude, rumo à cidade de Monte do Carmo, situada a 400

m acima do nível do mar, pela GO-68, percorrem-se de início áreas da superfície do Maciço Goiano, constituído basicamente por gnaisses, migmatitos, intercalações de anfibolito, granitos e tomalitos, com contatos definidos.

Avizinhando-se da sede de Monte do Carmo penetra-se em domínios da Serra do Lajeado, que alcança altitudes acima dos 500 m. Do ponto de vista estratigráfico corresponde à Formação Pimenteiras, que se caracteriza por apresentar litologia constituída de folhelhos de diversas cores, notadamente o vermelho e o cinza-escuro. Normalmente apresentam-se micáceos, contendo nódulos e leitos de oolitos piritosos. Na parte superior ocorrem intercalações de arenitos finos e siltitos de cores claras. Os folhelhos dessa formação apresentam contato inferior concordante com a Formação Serra Grande e contato superior do tipo gradacional com a Formação Cabeças. A idade do Devoniano inferior é atribuída à Formação Pimenteiras com base no seu conteúdo fossilífero.

Partindo-se de Porto Nacional até atingir o curso do rio das Balsas (cabeceira alta do rio do Sono), o perfil altimétrico revela a existência de dois

níveis de altitude, e se eleva de oeste para leste, continuando esta tendência até os afloramentos de arenitos e calcário, da Formação Urucuia, na Serra de Goiás, na divisa com a Bahia. Por conseguinte, encontramos-nos sobre o **divortium aquarum**, do qual vertem afluentes do Tocantins e afluentes do São Francisco.

Os sítios pesquisados localizam-se em terrenos característicos da Formação Pimenteiras, próximos de pequenos cursos de água, que se lançam à margem esquerda do rio das Balsas, afluente do rio do Sono (ver mapa).

Os abrigos existentes estão condicionados à existência de falhas e fraturas que configuram escarpas alcantiladas, nas quais, em decorrência da ação combinada de agentes de meteorização e da gravidade, formaram-se reentrâncias na seqüência litológica.

O sítio GO-RS-01 localiza-se em um vale estreito drenado pelo córrego Ponta da Serra, em área bastante acidentada: do alto do chapadão até o fundo do vale, em uma distância de aproximadamente 50 m lineares, o desnível é de cerca de 70 m.

Saindo do GO-RS-01, descendo o talude uns 200 m, encontra-se o GO-RS-02, à beira

do córrego Ponta da Serra.

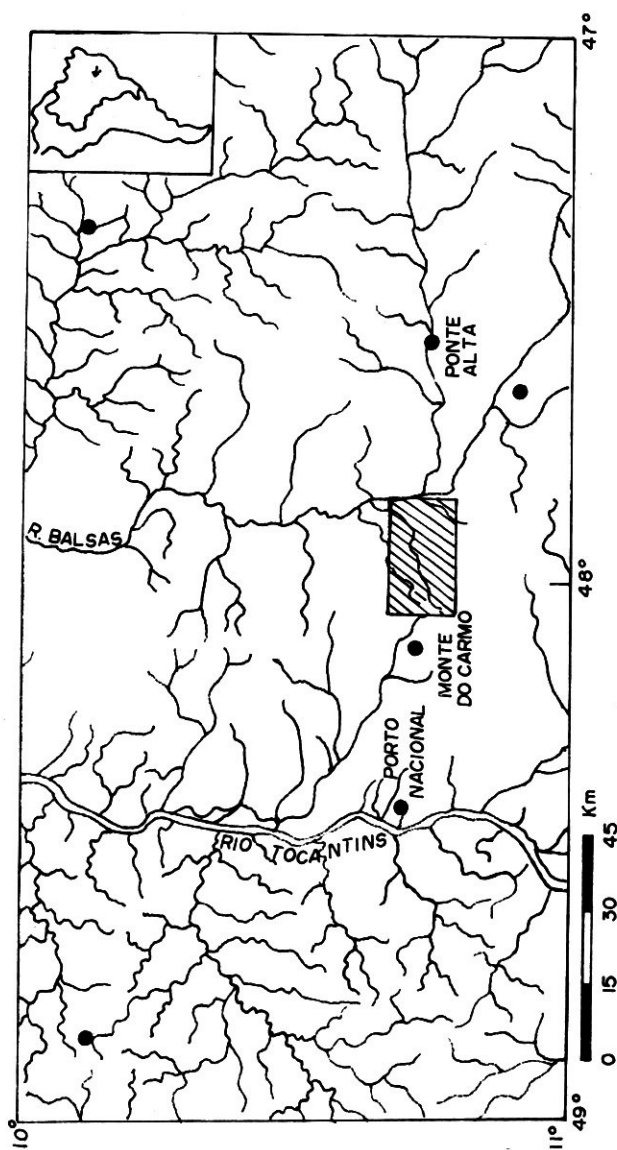
O GO-RS-03 está em linha reta uns 4 km, numa área plana, junto ao córrego Sussuapara, do qual dista 100 m.

O GO-RS-04 dista aproximadamente 4 km do anterior, estando em área ondulada, na proximidade do córrego Corredor.

O clima da região, segundo a classificação de Gaussen é o Termoxeroquimênico (4 cTh), ou tropical quente de seca atenuada, com estação seca que abrange de 3 a 4 meses e índice variável de 40 a 100. Nimer (1966: II-6/8) classifica-o como quente e semi-úmido com 4 a 5 meses de seca (maio a setembro), ocorrendo a máxima precipitação entre dezembro e fevereiro.

O solo predominante na região é silto-arenoso, parcialmente laterizado, muito pobre, estando as zonas de melhor vegetação possivelmente relacionados a um solo mais poroso, onde a infiltração de água é maior.

O cerrado é a vegetação dominante. Entretanto ao longo dos córregos, existe uma franja de mato, sobretudo em decorrência da umidade.



Localização da área pesquisada (Hachuriado)

3. O ESTUDO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

3.1. GO-RS-01 (ver croqui)

É um abrigo rochoso em terras pertencentes, na época, a Ramusse Albuquerque Nóbrega, chamadas Fazenda dos Meninos. O abrigo tem cerca de 40 m de boca por um máximo de 14 m de profundidade, que dista uns 200 m do córrego Ponta da Serra, que corre no fundo de um estreito vale, a cuja meia-altura se encontra o sítio.

O abrigo é formado em arenitos, Formação Pimenteiras, composto de estratos com granulação fina, intercalados de estratos com seixos, que vão sendo desprendidos pela intempérie e serviram de matéria prima para os ocupantes indígenas.

Os sedimentos depositados dentro do abrigo podem alcançar uma espessura de 130 cm e estão assentados diretamente sobre a rocha. Uma parte provém da meteorização das paredes, outra é transportada pela água das chuvas que entram pelo lado esquerdo e formam estratos vermelhos intercalados com pacotes de cinzas, produto da ocupação humana.

Em diversos pontos das paredes do abrigo encontram-se

petroglifos, que ainda conservam restos de pintura. Foram estudados, mas não copiados.

O material encontrado na superfície do piso do abrigo (cerâmica, seixos manipulados pelo homem e outros materiais) foi recolhido, constituindo três amostras diferentes, correspondentes aos três setores (a, b, c) em que dividimos o espaço ocupado.

Os sedimentos foram, posteriormente, estudados através de cinco cortes de 2 x 2 m cada um, distribuídos pela área central do sítio, como se pode ver no croqui.

Para a consecução de uma cronologia relativa a remoção foi feita de 10 em 10 cm e o material peneirado em malha de 3 mm para recuperação dos restos arqueológicos. Também foi recolhido carvão nos diversos níveis para datação por C-14.

O corte 1 tem estratos com 80 cm de espessura; o corte 5 com 70 cm; os cortes 2,3,4 com 130 cm de espessura, repousando sobre a rocha.

Os estratos apresentam uma alternância de camadas vermelhas, arenosas, mais compactas, com menos material arqueológico, aparentemente provenientes do arraste de material fino pelas águas que in-

SITIO ARQUEOLÓGICO: RAMUSSE NOBREGA ALBUQUERQUE

SIGLA: GO-RS-01

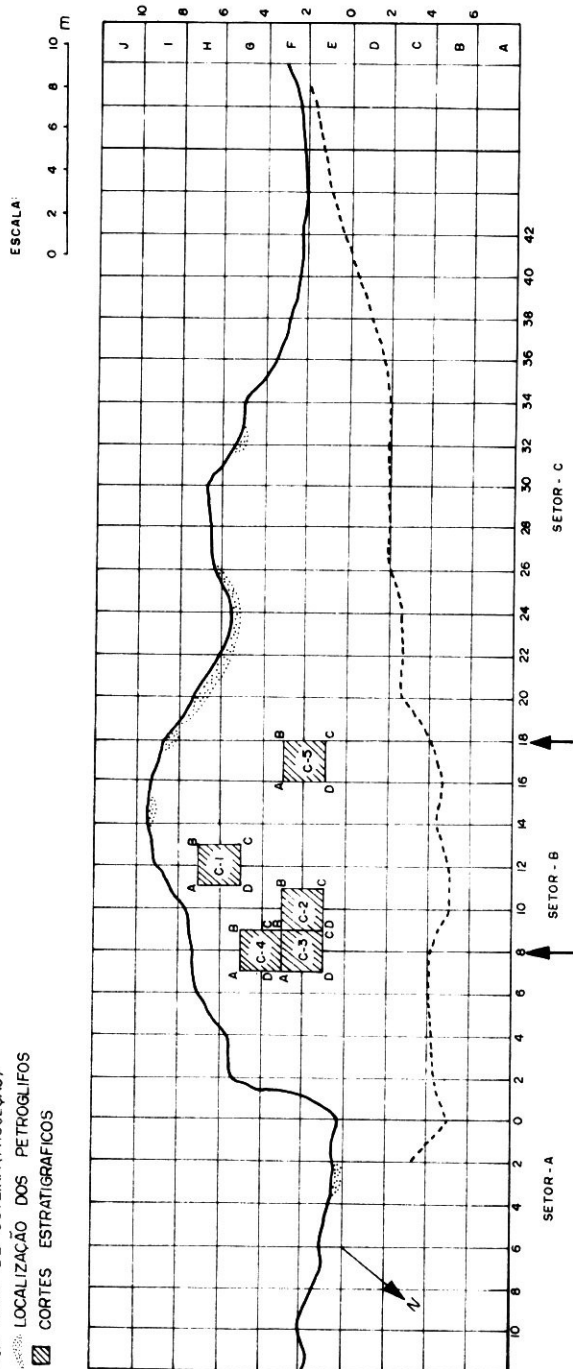
CONVENÇÕES

— LINHA DE FUNDO DO ABRIGO

- - - LINHA DE GOTEIRA (PROJEÇÃO)

... LOCALIZAÇÃO DOS PETROGLIFOS

▨ CORTES ESTRATIGRAFICOS



vadem o abrigo pelo lado esquerdo em tempo de chuvas, e de camadas compostas por pacotes de cinza e carvão, cinzentas, frouxas e fofas, com bastante material arqueológico; estas últimas camadas podem ter um matiz mais ou menos avermelhado, dependendo da maior ou menor quantidade de sedimentos arenosos incluídos ou misturados e são formados em momentos em que o abrigo aparentemente está mais seco.

Os pedregulhos que aparecem na camada mais profunda do corte 3 parecem indicar que, ao menos partes do abrigo, eram inicialmente mais úmidas, havendo goteiras mais fortes, que lavariam os sedimentos finos.

As camadas apresentam as seguintes características gerais (ver perfis):

— A parte mais superficial é constituída por sedimentos arenosos, fofos, vermelhos, com restos vegetais, estrume animal, carvão, cerâmica, seixos inteiros, fragmentados e lascas.

— A — Sedimentos arenosos, levemente compactos, vermelhos, com pouco carvão, seixos inteiros e fragmentados, lascas, cerâmica.

— B — Pacotes de cinzas e carvão, com alguma areia, fo-

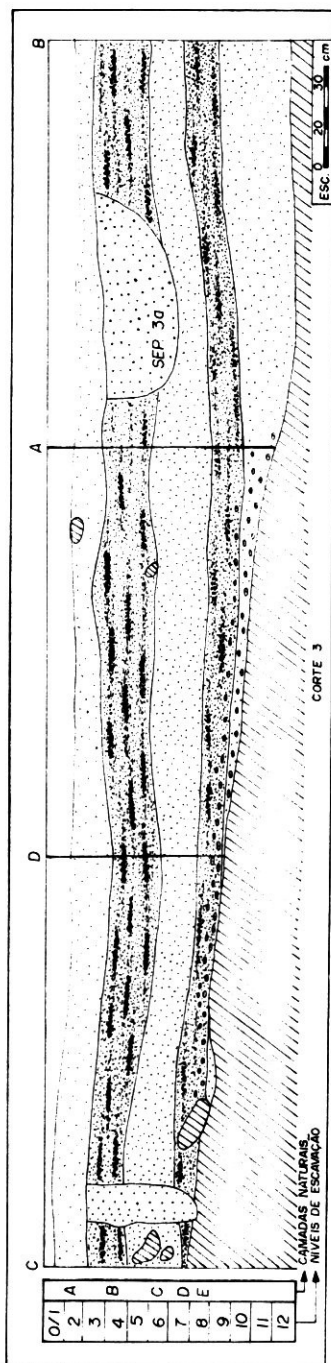
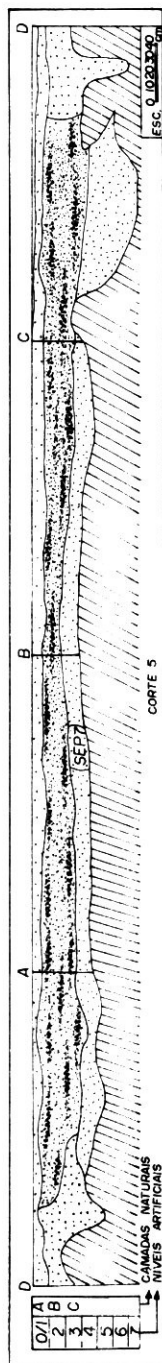
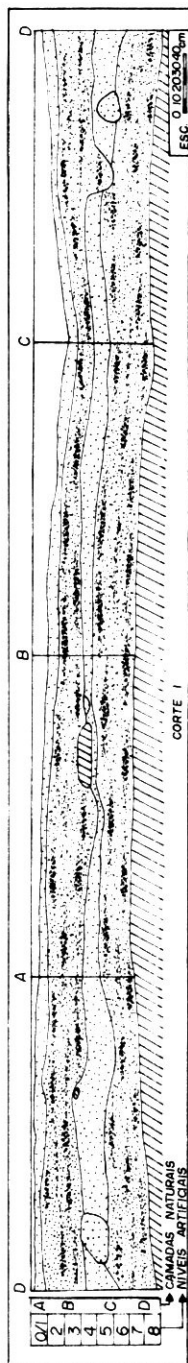
fos, cor cinza com tonalidades avermelhadas; ocorrência de ossos de animais, carapaças de moluscos, fragmentos de cerâmica, seixos inteiros, fragmentados e lascas.

— C — Sedimentos arenosos, com pouca cinza e carvão, levemente compactados, cor vermelha. Ocorrência de alguma cerâmica, alguns seixos, moluscos e ossos.

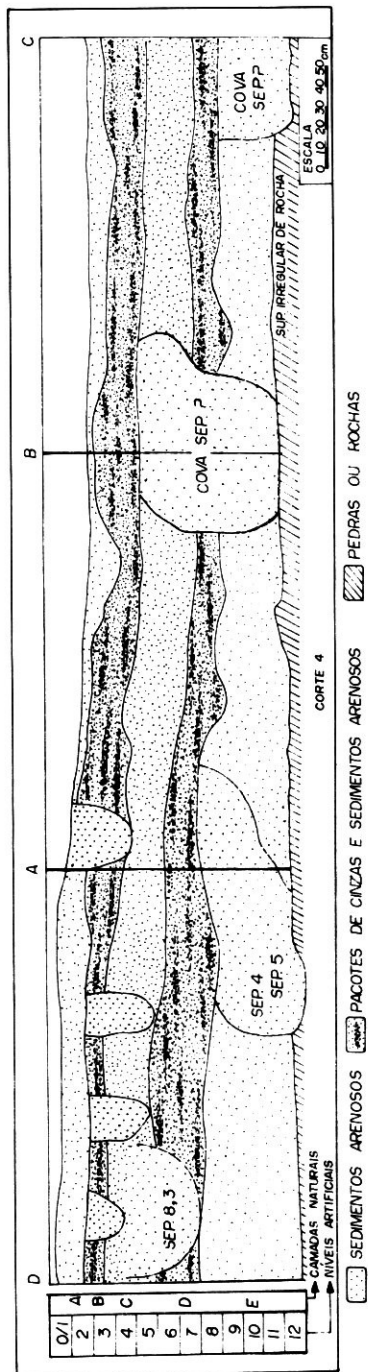
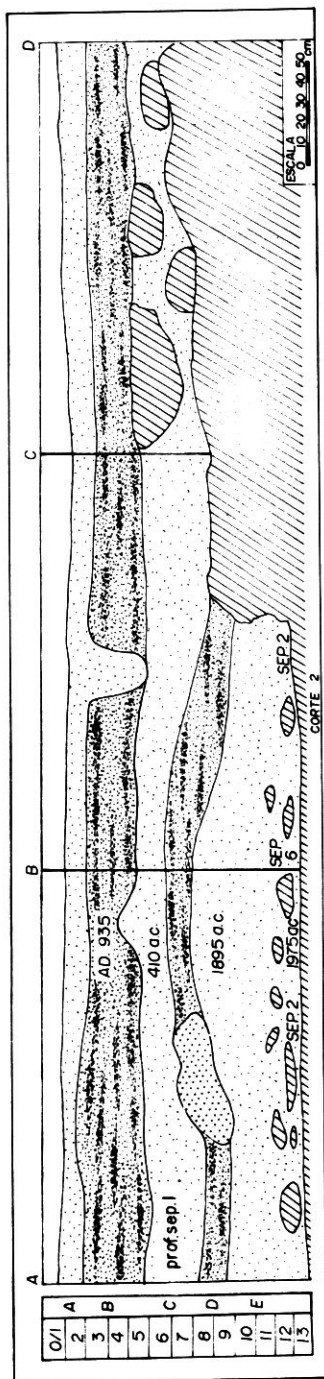
— D — Sedimentos arenosos, com muita cinza e carvão, fofos, cor cinza escuro ou claro. Ocorrência de cerâmica, seixos inteiros, fragmentados e lascas, carapaças de moluscos e ossos de animais.

— E — Sedimentos arenosos com pouco carvão e cinza, pouco compactados, cor avermelhada com tonalidades cinza. Ocorrência de pedregulho de arenito, como se tivesse sido lavada. Cerâmica, seixos inteiros, fragmentados e lascas, carapaças de caramujos e ossos.

Embora se percebam bem as camadas naturais, estas são cortadas em diversos lugares por covas de sepultamento e também por covas de animais (tatus), de modo que o cuidado com o material teve de ser grande para não criar confusão.



GO-RS-01: Perfis dos cortes 1, 5 e 3



GO-RS-01: Perfis dos cortes 2 e 4

3.2. GO-RS-02

Está localizado em frente ao abrigo, junto ao córrego Ponta da Serra, afluente do rio das Balsas. Compõe-se de uma área, levemente inclinada, com aproximadamente 50 m de diâmetro, de terreno já cultivado, de boa fertilidade, sobre o qual se encontram dispersos cacos de cerâmica.

As margens do córrego se caracterizam por uma estreita faixa de terras férteis, que o acompanha em toda a extensão e por uma vegetação exuberante, na qual sobressaem, entre as palmáceas, o cupuaçu, espécie de transição entre a floresta tropical e a equatorial. As chapadas são cobertas de cerrado.

No sítio foi realizada uma coleta sistemática superficial.

3.3. GO-RS-03

Está localizado na denominada Aldeia dos Índios, junto à estrada de Monte do Carmo a Ponte Alta. Dista 100 m do córrego Sussuapara, que deságua no córrego Grande e este no rio das Balsas.

A região toda se caracteriza por uma vegetação de cerrado, com estreita mata ciliar ao longo do córrego, onde há terra mais úmida e fértil.

O sítio, que teria um diâmetro de ao menos 200 m, estava coberto por um agrupamento de palmeiras que o delimitam perfeitamente. Por ser terra fértil é hoje cultivado.

Foi realizada uma coleta sistemática superficial no meio do capim alto que o recobre.

3.4. GO-RS-04

Está localizado no município de Monte do Carmo, no lugar exato da casa do senhor Vital Ribeiro Felix, na proximidade da rodovia que vai a Ponte Alta.

Fica na proximidade do córrego sem nome, que, a pequena distância, deságua no córrego Corredor, afluente do Buritirana, que por sua vez cai no rio das Balsas.

A vegetação predominante nos arredores é o cerrado, todavia há uma forte mancha de mata localizada nas encostas abruptas junto ao córrego.

O sítio localiza-se numa parte ondulada junto ao declive que dá no córrego, exatamente na transição entre a mata e o cerrado. Mede aproximadamente 100 m de diâmetro. A camada arqueológica, escura, humosa, por cima de um estrato vermelho, é de uns 20 cm e está parcialmente conservada.

Foi realizada uma coleta superficial sistemática.

4. O MATERIAL

4.1. O Material lítico

O material lítico provém em sua totalidade do sítio GO-RS-01, de coletas superficiais e dos cortes e se agrupa em dois grandes conjuntos: material lascado e material não lascado nem polido.

Nas camadas arqueológicas o material lítico apareceu disperso, mas muito freqüentemente formava conjuntos, "nichadas", com vários seixos, instrumentos e lascas, no que pensamos sejam lugares de trabalho.

A grande uniformidade do material e a ausência de características diferenciadas permitem, num primeiro momento, um relato bastante simplificado, em virtude, também, de ainda não terem sido estudados outros sítios de características idênticas ou semelhantes.

4.1.1. Material lascado:

Está representado essencialmente por núcleos, lascas, estilhas, fragmentos e quantidade insignificante de instrumentos. A matéria prima predominante é o seixo de quartzito, mas há

em quantidade menor a utilização de quartzito leitoso e quartzito hialino, sendo a massa inicial sempre seixo. As lascas foram debitadas por percutor duro, percussão direta e golpes violentos.

Os instrumentos são elaborados sobre pequenos seixos alongados, onde foi retirada, por lascamento bipolar, uma lasca fina (lâmina), ficando uma parte maciça, onde as duas extremidades podem atuar como superfície para trabalhos delicados em madeira.

Além de pouco numerosos, esses instrumentos não mostram uma posição cronológica definida.

4.1.2. Material não lascado nem polido:

Esse material foi agrupado em três categorias: uma primeira envolvendo o material com evidência de uso e marca de fogo; uma segunda, envolvendo o material sem evidência de uso, e uma terceira composta de matéria corante.

O material com evidência de uso e marca de fogo, constitui um conjunto de pedras utilizadas (seixos), onde sobressaem depressões, desgastes e outras marcas específicas da utilização. É caracterizado essencial-

mente por percutores, quebra-coquinhos e bigornas.

O material corante é de cor avermelhada, representado por pequenas bolotas de óxido de ferro.

Em todo o conjunto de material não lascado nem polido, a matéria prima característica é constituída por seixos de quartzo.

Material Lítico
Sítio GO-RS-01
Superfície

Material lascado	Material não lascado nem polido		Total
	Com evidência de uso e marca de fogo.	Sem evidência de uso	
—	11	61	72

CORTE 1

Níveis	Material lascado			Material não lascado nem polido		Materia Corante	Total
	Núcleos	Lascas	Instrumentos	Com evidência de uso ou marca de fogo.	Sem evidência de uso		
1	1	4	-	2	12	22	41
2	3	42	-	-	14	100	160
3	5	17	-	-	26	43	91
4	3	6	-	1	12	34	56
5	-	1	-	2	10	34	47
6	2	1	1	-	11	20	35
7	-	-	-	-	1	2	3
8	-	2	-	-	8	15	25

CORTE 2

Níveis	Material Lascado			Material não lascado nem polido		Matéria corante	Total
	Núcleos	Lascas	Instrumentos	Com evidência de uso ou marca de fogo	Sem Evidência de uso		
1	1	-	-	-	1	-	2
2	-	9	-	-	-	15	25
3	4	10	-	6	7	47	74
4	-	5	1	3	15	33	57
5	1	4	-	-	12	26	43
6	1	9	1	-	10	18	39
7	2	1	-	1	9	29	42
8/9	3	10	4	1	29	47	94
10	-	1	-	-	-	4	5
11/12	-	1	-	1	8	17	27
13	-	-	-	-	-	1	1

CORTE 3

Níveis	Material lascado			Material não lascado nem polido.		Matéria corante	Total
	Núcleos	Lascas	Instrumentos	Com evidência de uso ou marca de fogo.	Sem evidência de uso		
1	-	-	-	-	-	-	-
2	1	3	-	2	1	-	7
3	6	47	-	-	9	17	79
4	9	72	-	17	8	8	114
5	10	56	-	6	16	5	93
6	12	49	-	14	2	6	83
7	14	35	-	9	11	5	74
8	19	42	-	11	4	7	83
9	19	56	-	7	6	24	112
10	4	28	-	1	4	9	46
11	4	14	-	1	3	5	27
12	-	4	-	-	-	-	4
13	-	4	-	-	-	1	5

CORTE 4

Níveis	Material lascado			Material não lascado nem polido		Matéria corante	Total
	Núcleos	Lascas	Instrumentos	Com evidência de uso ou marca de fogo.	Sem evidência de uso		
1	-	4	-	-	-	1	5
2	1	4	-	2	1	-	8
3	7	53	-	-	1	16	77
4	7	57	-	1	3	7	75
5	13	50	-	2	-	7	72
6	7	69	-	2	3	8	89
7	12	98	1	3	5	21	140
8	16	58	-	2	6	16	98
9	6	35	-	1	7	12	61
10	10	50	-	-	6	11	77
11	13	58	-	5	9	10	95
12	4	9	-	3	2	1	19
13	-	1	-	2	1	-	4

CORTE 5

Níveis	Material Lascado			Material não lascado nem polido.		Matéria corante	Total
	Núcleos	Lascas	Instrumentos	Com evidência de uso ou marca de fogo.	Sem evidência de uso		
1	10	22	-	1	1	-	34
2	20	77	-	5	9	8	119
3	20	115	1	5	7	44	192
4	19	79	-	7	3	45	153
5	1	7	-	-	1	8	17
6	-	1	-	-	-	1	2

4.2. A cerâmica

4.2.1. Observações gerais:

Por ser ainda pouca e mal definida, analisamos a cerâmica de acordo com um mesmo esquema, apesar de se notarem diferenças até um certo ponto consideráveis.

Como ela não apresenta decoração, a não ser um ocasional banho vermelho, nem tem formas especializadas, dividimo-la de acordo com o seu antiplástico, indicador cultural bastante eficiente no Centro do Brasil. Dessa forma separamos antiplásticos minerais, antiplásticos vegetais, e caco moído. Entre os antiplásticos minerais poderíamos ter separado, por seu valor indicativo, o grafite, mas preferimos indicar a sua presença, no quadro, apenas entre parêntesis, ao lado do valor correspondente aos antiplásticos minerais. Entre os antiplásticos vegetais também se percebem duas variedades, mas pela mesma razão os deixamos de separar aqui.

4.2.2. Descrição da cerâmica por antiplástico

Cerâmica com antiplástico mineral:

I. Pasta. 1. Manufatura: acordelada. 2. Antiplástico: clastos

de quartzo, feldspato e mica, eventualmente grafite, predominando um ou outro, ou apresentando-se em proporções aproximadamente iguais; também aparecem outros clastos ou pequenos seixos. Geralmente o tamanho dos clastos vai de 1 a 2 mm, mas podem aparecer seixos ou clastos de até 7 mm. 3. O antiplástico apresenta-se entre denso e muito denso e mostra certa regularidade na distribuição, produzindo uma pasta uniforme, áspera, angulosa e pesada. 4. O núcleo é predominantemente cinza, às vezes marrom claro ou pardo. 5. A queima é oxidante, incompleta. 6. A dureza vai de 3,5 a 4 graus na escala de Mohs.

II. Superfície. 1. A cor é marrom a cinza em ambas as faces, predominando a primeira. 2. A superfície é tratada por alisamento sofrível, permanecendo depressões e muitas estrias irregulares. Raramente a superfície exhibe um banho cor vinho numa ou em ambas as faces.

III. As formas predominantemente de contorno simples, subesféricas, semi-esféricas ou em calota de esfera, sem reforço nas bordas, com as bases arredondadas, os lábios arredondados ou planos, sem apêndices ou transformações. Com

antiplástico mineral são confeccionadas as formas reconstituídas 1, 2, 3, 4, mas não com exclusividade.

IV. Cronologia: Supomos que, como nas demais regiões estudadas em Goiás, a cerâmica com antiplástico mineral seja anterior à temperada com cariapé. Dos 4 sítios estudados, um tem 100% de cerâmica temperada com minerais; no abrigo aparecem as duas variedades, mas sempre com absoluto predomínio da mineral; num outro sítio a mineral apresenta uns 63%, e no último apenas 25%.

Cerâmica com antiplástico vegetal:

I. Pasta. 1. Manufatura: provavelmente acordelada, mas os roletes não aparecem com clareza. 2. Antiplástico: geralmente cariapé bem moído, que só com aumento se pode ver, mas outras vezes o cariapé aparece em grânulos angulosos ou arredondados cujo tamanho pode chegar a vários mm. Predomina o cariapé de células pequenas, que vem acompanhado de células maiores, claras ou escuras, com gomo, semelhante ao que se encontra sobre o Alto-Araguaia e o Alto-Tocantins (cariapé A). Geralmente a pasta é muito fina, regular, porosa e leve,

apresentando-se suave ao tato e pouco angulosa na fratura. Com a exposição prolongada à umidade os grânulos de cariapé podem ser removidos, deixando a superfície cheia de pequenas depressões irregulares. Às vezes o cariapé está misturado com o antiplástico mineral descrito anteriormente. 3. O núcleo é pardo ou cinza bem claro. 4. A queima é oxidante, incompleta. 5. A dureza é de 3 graus na escala de Mohs.

II. Superfície. 1. A cor é marrom bem claro, cinza claro ou pardo, em ambas as faces. Esta coloração clara a distingue nitidamente da cerâmica temperada com minerais. 2. A superfície é tratada por alisamento mediano em ambas as faces. Raramente a superfície exibe um banho cor vinho na face interna ou externa.

III. Há formas de contorno simples, mas predominam as de contorno infletido; geralmente são não-restringidas, com bordas não reforçadas, lábios arredondados ou planos, bases arredondadas ou aplanadas reforçadas ou com pequeno pedestal. Com antiplástico vegetal são confeccionadas as formas reconstituídas 5, 6, 7, mas não com exclusividade.

IV. Cronologia: Como separamos só duas variedades de cerâmica no conjunto dos sítios, a

temperada com cariapé se comporta de forma inversa da temperada com minerais, isto é, cresce em porcentagem com o passar do tempo.

Cerâmica temperada com caco moído:

Tratando-se de poucos cacos a descrição não pode ser definitiva.

I. Pasta. 1. Manufatura: acordelada. 2. Antiplástico: quartzo, feldspato, caco moído em clastos ou grânulos de 1 a 2 mm. O antiplástico é médio em termos de distribuição e densidade, criando uma pasta média entre a mineral e a vegetal e com aspecto muito característico por causa dos cacos mais claros e mais arredondados que os clastos minerais. 3. O núcleo é cinza. 4. A queima é oxidante, incompleta. 5. A dureza é de 3 graus na escala de Mohs.

II. Superfície. 1. A cor é marrom claro a escuro em ambas as faces. 2. A superfície é tratada por alisamento. Todos os cacos apresentam uma camada bem clara geralmente na face interna, num caso na face externa junto do lábio de engobe.

III. Forma: Tratando-se de poucos fragmentos, nada se pode dizer sobre as formas.

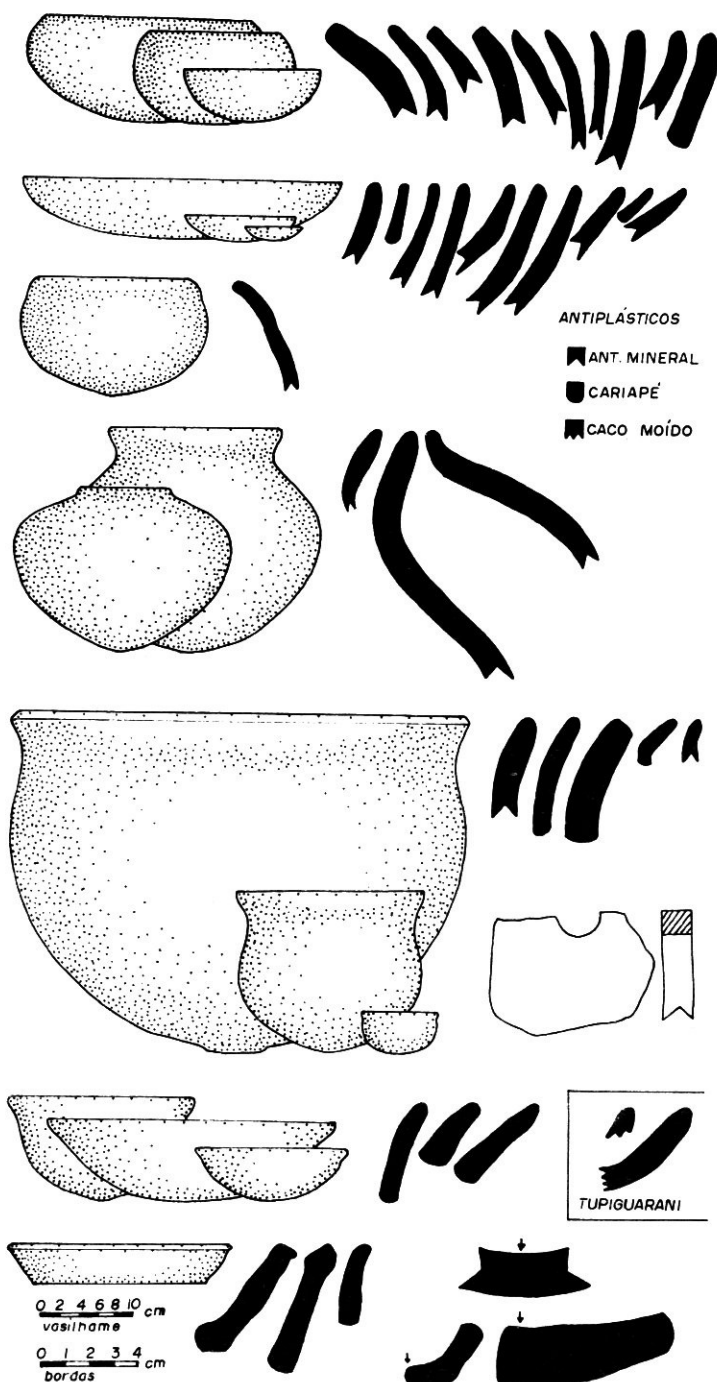
IV. Cronologia: Os cacos aparecem sempre na camada mais alta do abrigo, indicando que correspondem ao período mais recente da ocupação. Não aparece nos sítios a céu aberto o que indica provavelmente não se tratar de um contato com o grupo das aldeias, mas de uma ocupação rápida do abrigo por elementos portadores da tradição Tupiguarani.

Veja tabelas da distribuição das amostras cerâmicas por antiplástico.

4.2.3. Formas da cerâmica da fase Pindorama

Forma 1: contorno simples, com um ponto terminal na boca, base arredondada, abertura da boca de 12 a 42 cm, lábios predominantemente arredondados, às vezes planos, raramente apontados, antiplástico predominante areia, menos freqüentemente cariapé, tratamento da superfície: simples.

Forma 2: contorno simples, não constrita, com um ponto terminal na boca, bases arredondadas, abertura de 6 a 60 cm, lábios predominantemente arredondados, às vezes planos, antiplástico predominante areia, menos freqüentemente cariapé, tratamento da superfície: simples, raramente grafitado.



Formas reconstituídas da fase Pindorama

**Distribuição das amostras cerâmicas
por antiplástico**

Amostras	A. Mineral*	Cariapé	Caco Moído	Total	Banho Verm.**
GO-RS-04	195	116	-	311	9
GO-RS-03	45	134	-	179	-
GO-RS-02	232	-	-	232	1
GO-RS-01	294	61	6	361	13

GO-RS-01 CI	1	20	-	-	20	-
	2	33	9	1	43	-
	3	4	-	-	4	-
	4	3	-	-	3	1
	5	1	1	-	2	-
	6	-	1	-	1	1
C I Total		61	11	1	73	2

GO-RS-01 CII	1	1	-	1	2	-
	2	45(2)	5	-	50	3
	3	35(5)	5	-	40	-
	4	2	-	-	2	-
	6	2	2	-	4	-
	7	2	-	-	2	-
	8/9	1	1	-	2	-
	11/12	-	1	-	1	-
CII Total		88(7)	14	1	103	3

* Os números entre parênteses correspondem aos cacos com grafite.

** O banho vermelho encontra-se tanto em cacos com antiplástico mineral, como com cariapé. Os cacos desta coluna já estão incluídos nos valores das colunas anteriores.

Amostras	Areia	Cariapé	Caco Moído	Total	Banho Vermelho
GO-RS-01 CIII 1	4(1)	1	-	5	-
2	-	1	1	2	-
3	19(1)	3	1	23	-
4	17(7)	1	-	18	-
5	2	-	-	2	-
6	1	1	-	2	-
7	1	-	-	1	-
8	2	-	-	2	-
10	1	-	-	1	-
C III Total	47(9)	7	2	56	-

GO-RS-01 C IV 1	1(1)	-	1	2	1
2	2	-	-	2	-
3	28(3)	6	-	34	2
4	14(1)	6	-	20	1
5	8(2)	4	-	12	1
6	6	2	-	8	-
7	1(1)	-	-	1	-
8	1	-	-	1	-
9	2	-	-	2	-
10	1	-	-	1	-
C IV Total	64(8)	18	1	83	5

GO-RS-01 CV 1	9	4	1	14	-
2	9	7	-	16	2
3	2	-	-	2	1
7	2	-	-	2	-
CV Total	22	11	1	34	3

GO-RS-01 Col. Sup. B	12	-	-	12	-
----------------------	----	---	---	----	---

Forma 3: contorno levemente infletido, constricta, borda introvertida, com um ponto de inflexão, um ponto terminal na boca, base arredondada, abertura de 16 a 50 cm, lábio aplanado, antiplástico areia e cariapé, tratamento da superfície: simples.

Forma 4: contorno infletido, constricta acentuada, borda extrovertida, com um ponto de inflexão, um ponto terminal na boca, base arredondada, abertura de 10 a 40 cm, lábio aplanado, antiplástico areia, tratamento da superfície: simples.

Forma 5: contorno infletido, pouco constricta, borda extrovertida, com um ponto de inflexão, um ponto terminal na boca, base arredondada ou levemente aplanada, abertura de 6 a 50 cm, lábio arredondado ou

raramente aplanado, antiplástico cariapé, ou areia, tratamento da superfície: simples.

Forma 6: contorno infletido, não constricta, borda extrovertida, com um ponto de inflexão, um ponto terminal na boca, base arredondada, abertura de 16 a 30 cm, lábio arredondado, antiplástico cariapé, tratamento da superfície: simples.

Forma 7: forma não constricta, com dois pontos terminais, sendo um na boca, outro na base em leve pedestal, abertura de 12 a 30 cm, lábio plano ou aplanado, antiplástico cariapé, tratamento da superfície: simples.

8. Formas aparentemente não constrictas, com engobe na superfície externa, lábios arredondados.

Distribuição das bordas por sítios

Formas

Sítios	1	2	3	4	5	6	7	8	Total
GO-RS-01	25	20	1	0	1	3	3	2	55
GO-RS-02	4	3	0	0	0	0	0	0	7
GO-RS-03	2	0	0	1	1	0	0	0	4
GO-RS-04	4	4	1	5	5	2	0	0	21

Na distribuição das bordas pelos sítios (tabela acima), percebe-se novamente que há dois sítios com predominância de antiplástico cariapé e suas respectivas formas e dois sítios com antiplástico de areia e suas respectivas formas. Com o aumento da amostragem deverão aparecer os sítios intermédios.

4.2.4. Considerações finais

A cerâmica dos sítios, que, por enquanto, juntamos numa só fase, com o nome de Pindorama, representa a fronteira entre a tradição do centro e nordeste (Aratu/Sapucaí) e as tradições amazônicas, mais uma pequena presença Tupiguarani, subtradição Pintada.

A semelhança com a tradição Aratu/Sapucaí está no antiplástico mineral (quartzo, feldspato, mica, grafite), nas formas simples globulares ou piriformes, na falta de decoração, com exceção de um eventual banho vermelho. O grafite é um bom indicador para a tradição Aratu.

A influência amazônica está representada especialmente pelo uso do cariapé, as bases planas ou em leve pedestal e determinadas formas, especialmente a 7.

O Tupiguarani se caracteriza

pelo uso do caco moído como antiplástico e o engobe branco.

A combinação dos elementos Aratu e Amazônicos na cerâmica indica a fronteira entre as duas grandes regiões (planalto-planície amazônica, cerrado-mata), que se observa também em outras regiões de Goiás com relação às culturas (Schmitz, Wüst, Copé, Thies, 1982), ao passo que a presença Tupiguarani mostra a pouca fixação conseguida pelo grupo na área já densamente povoada pelos horticultores anteriormente mencionados, o que também é característico para todo o interior do planalto, tanto de Goiás, como de Minas e Bahia (ibidem; Dias Jr, 1976/77:110 ss; Calderón, 1969:161 ss).

Cronologicamente, no começo temos um predomínio dos elementos Aratu/Sapucaí, no fim o predomínio dos elementos amazônicos.

Embora existam fragmentos de cerâmica desde os níveis mais antigos, inclusive cacos temperados com os dois tipos de antiplásticos básicos, não é totalmente seguro que as duas camadas inferiores (D, E) tenham sido de ceramistas, porque os cacos poderiam ter sido deslocados por homens ou animais ao abrir covas; com certeza na camada C, datada em

410 a.C. há cerâmica das duas variedades básicas em todos os cortes.

5. OS RESTOS DE ALIMENTOS

Em todos os cortes do abrigo foi recuperada uma certa quantidade de restos de alimentos, provenientes de animais, mas poucos de plantas, com exceção de alguns caroços de palmáceas. Isto se deve às condições de relativa secura dentro do abrigo, não suficiente, entretanto, para conservar restos vegetais não carbonizados.

Entre os vertebrados temos bastantes ossos de mamíferos, aves e répteis, quase nada de peixes. Entre os moluscos temos três espécies usadas como alimento e duas aparentemente não comidas.

Na feitura da tabela provisória anexa usamos, como indicadores dos diversos mamíferos, os dentes para os herbívoros, carnívoros, roedores; as placas para o tatu; a cornamenta para o veado. Como indicadores dos diversos répteis usamos os dentes para os lagartos, as placas para as tartarugas e o jacaré. As aves e os peixes foram separados pelas suas estruturas ósseas características. Os moluscos foram classificados pelas carapaças.

Estes indicadores são insuficientes para determinar gêneros e espécies, indicando apenas grandes grupos de morfologia semelhante.

Entre os mamíferos temos animais grandes e médios, geralmente herbívoros como o veado, também roedores, como a capivara; mas predominam os pequenos como o tatu, o ratão do banhado, a preá. As aves são sempre médias (do tamanho de uma galinha) ou pequenas. Entre os répteis temos geralmente lagartos e tartarugas, raramente o jacaré. Peixes são registrados só uma vez.

Há três gêneros de moluscos terrestres, certamente consumidos como alimento, como mostra a forma repetida da abertura da carapaça: o *Megalobulimus* sp, o *Anastoma* sp e o *Solaropsis* sp, cujos restos são abundantes nos cortes; e dois gêneros provavelmente não comidos, como um *Bulimulus* e bivalvos de água doce, que são raros nos cortes e geralmente têm as carapaças inteiras.

Para a organização dos dados numéricos dos moluscos, usamos a seguinte contagem: para o *Megalobulimus* usamos fragmentos de lábios externos e internos, somados; para o *Solaropsis* sp usamos os fragmentos de lábios e as columelas, somados; para o *Anastoma* sp

também os fragmentos de lábios e as columelas, somados. Com isso pensamos criar unidades comparáveis para os diversos cortes e níveis. Isso não quer dizer que as cifras representem unidades de moluscos, mas dividindo as somas por dois devemos estar perto do número de indivíduos por gênero.

Observando agora a tabela, não se percebem grandes mudanças na utilização dos diversos recursos: eles aparecem em maior quantidade nos níveis médios porque aí estão as camadas de ocupação mais densas, sendo menos densas no começo e no fim, isto é, nos níveis baixos e mais altos.

Os restos encontrados dentro do abrigo não são provavelmente uma amostra da alimentação total do grupo acampado, porque os animais grandes seriam consumidos fora, no lugar da matança, ou só partes seriam levadas para dentro do abrigo, que está no alto de uma encosta muito íngreme.

A quase totalidade dos ossos longos dos mamíferos estão rachados longitudinalmente em fragmentos bastante pequenos e as epífises estão separadas. É possível que alguns ossos longos tenham sido transformados em instrumentos, mas apenas se encontrou um osso apontado, no corte 1, nível 6.

Alguns fragmentos de moluscos, especialmente de *Megalobulimus*, têm as bordas alisadas como se tivessem sido usadas.

6. OS SEPULTAMENTOS

Nos 20 m² da escavação foram encontrados 10 sepultamentos, cujas características detalhamos abaixo.

Corte 2: sepultamentos 1, 2, 6.

Sepultamento 1: primário, em cova, semi-estendido, decúbito dorsal, o corpo coberto por blocos rochosos, que começam a aparecer no nível 3. O esqueleto jazia no nível da camada C. A posição do corpo está de tal maneira como se antes de enrijecer tivesse sido carregado nos braços, um dos quais passaria debaixo do pescoço (as vértebras cervicais estão curvadas para a frente), o outro debaixo das pernas na altura dos joelhos (as pernas estão levemente dobradas). Todos os ossos estão presentes. Adulto.

Na parte posterior do crânio há 2 cortes estreitos e fundos, perfurando o osso e penetrando no cérebro, que devem ser considerados a causa da morte. Os cortes são semelhantes aos que seriam produzidos pelo gume de um machado de pedra polida.

Tabulação dos restos de alimentos animais

[illegible]

Devido à boa conservação dos ossos e a pequena profundidade em que está enterrado, pensamos que o sepultamento seja da última parte da utilização do abrigo, camada B final ou A.

Sepultamento 2: primário, aparentemente em cova, estendido, decúbito dorsal, o corpo coberto por blocos rochosos e pequenas lajes. Os ossos estão muito decompostos, de modo que apenas se percebiam alguns, principalmente os longos. Foi possível reconhecer, genericamente, fragmentos dos seguintes: parte do crânio, 1 clavícula, externo, algumas costelas, 1 úmero, 1 cúbito, 1 rádio, 2 fêmures, 2 tíbias, 2 fíbulas e algumas falanges do pé. Indivíduo adulto.

Por estar sepultado na base dos sedimentos, quase sobre a rocha da base (120-130 cm de profundidade), acreditamos que deve ser de usuários bem antigos do abrigo. A data de C14, proveniente do carvão que estava próximo deu 1975 a.C.

Sepultamento 6: de adulto, no canto B da quadrícula, diretamente sobre o piso de rochas e coberto por blocos de pedra, como o anterior. Dos poucos ossos que foram descobertos, foi possível recolher um palato com arcada dentária, algumas

falanges e uma epífise de osso longo. Os ossos foram deixados no lugar e a escavação não foi continuada.

Aparentemente da mesma época que o anterior.

Corte 3: sepultamentos 3, 3a, 3b, 8, 4, 5.

Os sepultamentos 3, 3a, 3b, 8 estão numa grande cova, onde foram enterrados possivelmente em tempos diferentes, jazendo os esqueletos no nível da camada D, mas provindo da C ou B.

São aparentemente todos sepultamentos secundários, conseguindo-se identificar só partes do esqueleto e faltando outras; a posição dos ossos identificados não é a que ocupam num esqueleto articulado.

Havia pequenas pedras sobre alguns dos ossos ou ao redor, mas não os blocos que observamos em alguns sepultamentos primários.

Em campo tentamos uma separação dos diversos indivíduos, mas esta separação não é totalmente segura, devido à sobreposição ou mistura dos ossos. (Ver croqui)

Sepultamento 3: crânio incompleto, adulto, grosso, sem mandíbula; pedaço de osso de bacia, 2 falanges.

Sepultamento 3a: crânio incompleto, juvenil, fino, sem

mandíbula, 6 dentes definitivos, ainda incompletamente nascidos; fêmur, tíbia, patela, outros ossos longos, 1 calcâneo, parte da bacia, 3 costelas.

Sepultamento 3b: crânio incompleto, juvenil, fino, sem mandíbula, 2 dentes incisivos, definitivos; vértebras, falanges, ossos longos, calcâneo, pedaço da bacia.

Sepultamento 8: crânio adulto novo, sem mandíbula, 2 ossos longos de braço. Está dentro da parede, só foi tocado, mas não retirado por estar na parte não escavada.

Tanto pela conservação, como pela profundidade em que estão enterrados, de 60 a 80 cm de profundidade, os esqueletos indicam não serem do começo, nem do fim, da utilização do abrigo, mas de algum momento do meio, mais próximo do fim do que do começo.

Os esqueletos não parecem ter sido perturbados por remoção para fazer um enterro primário no mesmo lugar, mas trazidos de outro lugar e constituir assim sepultamentos secundários intencionais. (Ver desenhos)

Sepultamento 5: primário, em cova, estendido, decúbito dorsal, os braços ao longo do corpo, a mão direita em cima do fêmur direito, a esquerda por

baixo do fêmur esquerdo. O esqueleto não estava coberto por blocos. Está muito deteriorado. Aparentemente o esqueleto está completo, mas não foi encontrada a mandíbula. A parte inferior do esqueleto, que está dentro da parede, não foi escavada.

Adulto, com idade avançada (o dente molar, encontrado na proximidade do crânio estava muito desgastado).

Tanto pela conservação, pela profundidade em que está enterrado, 95-105 cm e pela camada a que pertence, provavelmente D ou E, o sepultamento deve ser da parte inicial da utilização do abrigo.

Sepultamento 4: Sobre o esqueleto do sepultamento N° 5, quase sobre o pé esquerdo foi encontrada, dentro da parede, uma parte de um crânio, aparentemente de adulto, que não foi escavado por estar dentro da parede.

Corte 5:

Sepultamento 7: secundário, em cova, sem cobertura de blocos, juvenil para adulto, sendo os ossos da cabeça finos, os dentes pouco desgastados. Os ossos estão arrumados em feixe estando presentes o crânio, sem a mandíbula, os fêmures, outros ossos longos das pernas e dos braços, costelas, pedaços da bacia, o sacro.

O pacote repousa sobre a rocha da base, a 40 cm de profundidade, mas a conservação dos ossos é médio. Pensamos que o sepultamento é da parte média da utilização do abrigo, camada C.

Síntese:

Reunindo as informações sobre os sepultamentos observamos, com relação à cronologia, que os do começo da utilização do abrigo, camadas E e talvez D, são primários, estendidos, aparentemente em decúbio dorsal; posteriormente, nas camadas C, B, há um número grande de sepultamentos secundários, com a presença só de parte dos ossos do esqueleto, arrumados ou agrupados em espaço pequeno, como se tivessem sido trazidos embrulhados ou acondicionados num recipiente qualquer; o sepultamento mais recente, na camada A ou B superior, é novamente um sepultamento primário, semi-estendido, em decúbito dorsal. O primeiro período deve começar a uns 2.000 A.C., quando a cerâmica ainda não existia ou era escassa; o segundo poderia começar nos últimos séculos antes de Cristo e já vem com cerâmica, tanto a temperada com elementos minerais, como com cariapé; o terceiro período, mais recente,

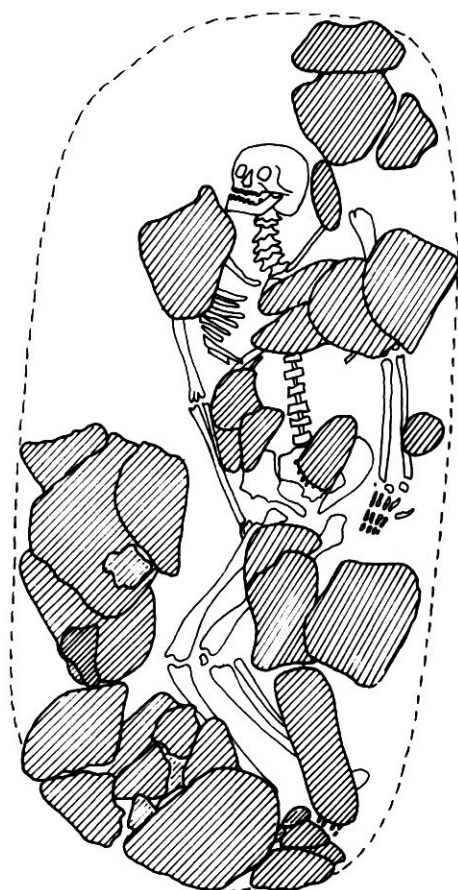
é difícil de precisar quando começaria, mas seria provavelmente posterior a A.D. 1000.

Todos os sepultamentos são feitos em covas, das quais algumas têm muitas pedras ou blocos cobrindo o esqueleto, outras têm poucas ou nenhuma.

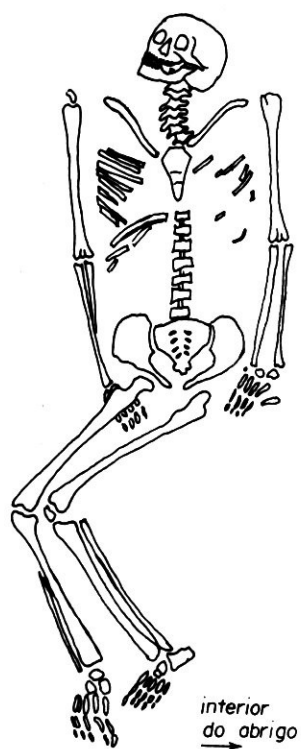
Nenhum dos esqueletos vem acompanhado de qualquer mobiliário funerário conservado.

Não foram encontrados sepultamentos de infantes, mas só juvenis e adultos. Embora haja mais covas nas paredes dos cortes, das quais algumas poderiam corresponder a sepultamentos, o fato de que entre 10 sepultamentos não haja nenhum infantil, é bastante diagnóstico.

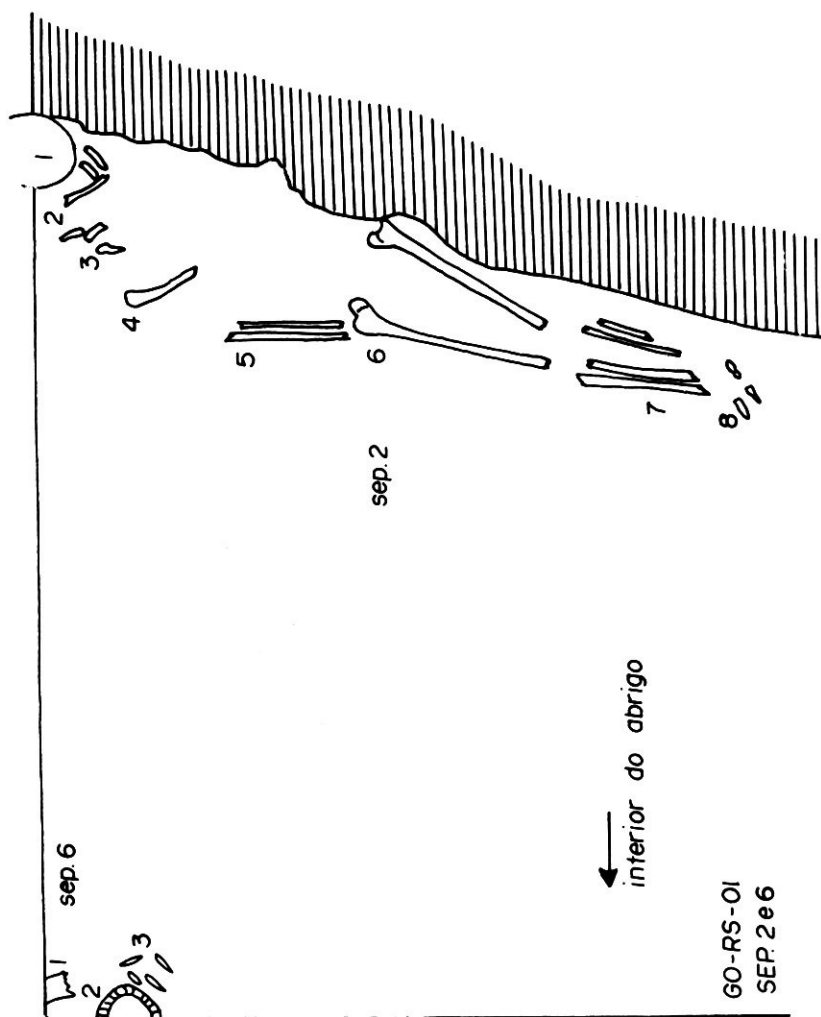
O fato de encontrarmos 10 sepultamentos, ou mais em apenas 20 m² de escavação, e por outro lado, de as camadas arqueológicas não serem muito espessas, parece indicar que o abrigo deve ter sido utilizado como sítio de sepultamento para uma população que não viveria no abrigo a não ser esporadicamente. Mais fortemente nos fazem pensar nesta hipótese os sepultamentos secundários. Provavelmente os seus assentamentos principais estão a céu aberto, sendo semelhantes ao que encontramos na frente



GO-RS-01
SEP. 1

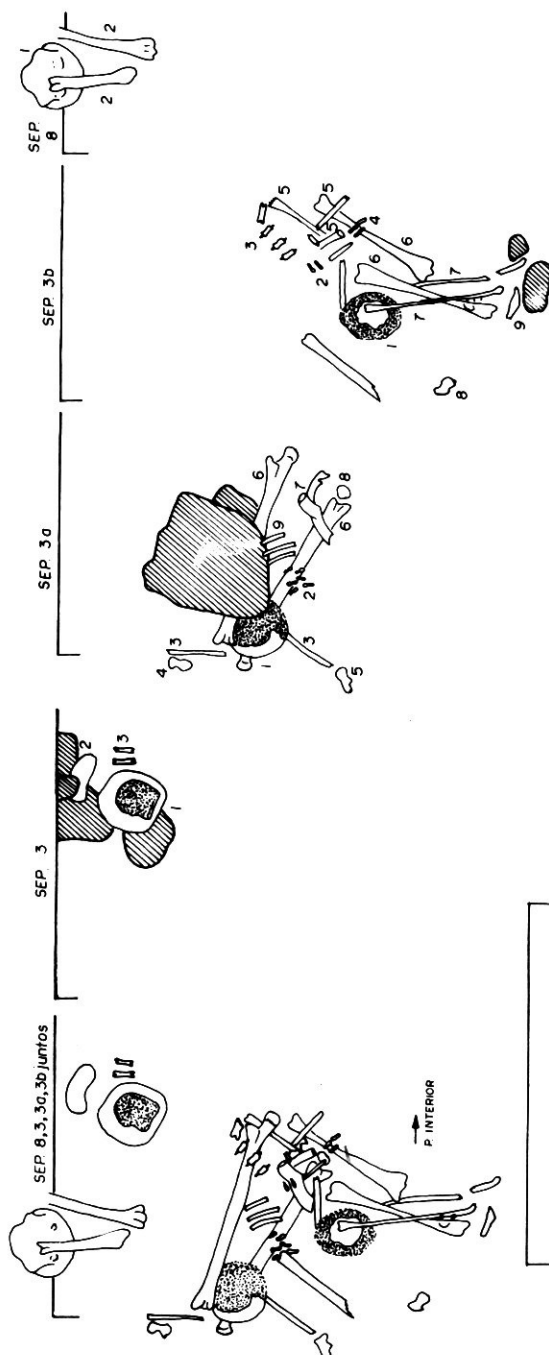


Sepultamento 1: completo. À esquerda coberto com as pedras, à direita só o esqueleto.



Sepultamento 2: 1-crânio, 2-clavícula, 3-costelas, 4-úmero direito, 5-rádio e cúbito direito, 6-fêmures, 7-fibias e fibulas, 8-falanges dos pés.

Sepultamento 6: 1-osso longo, 2-parte de crânio (palato com dentes), 3-falanges.



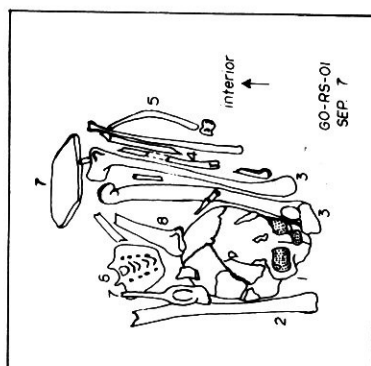
Sepultamento 3: 1-crânio, 2-parte da bacia, 3- falanges.

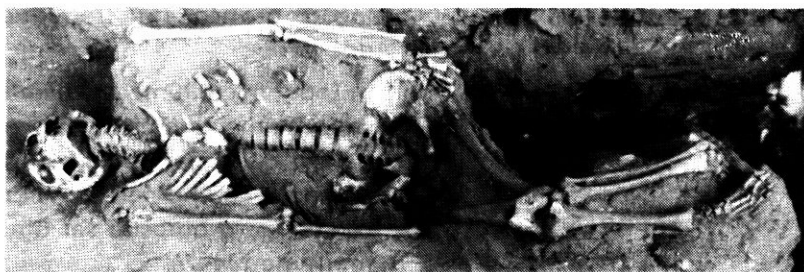
Sepultamento 3a: 1-crânio, 2-dentes juvenis, 3-osso do braço, 4-calcâneo de adulto, 5-calcâneo juvenil, 6-fêmures, 7-parte da bacia, 8-patela (rótula), 9-costelas.

Sepultamento 3b: 1-crânio, 2-dentes, 3-vértebras, 4-falanges, 5-osso do braço, 6-fêmur, 7-osso da perna (tíbula ou tibia), 8-calcâneo, 9-parte da bacia.

Sepultamento 8: 1-crânio, 2-úmeros?

Sepultamento 7: 1-crânio, 2-úmero, 3-fêmures, 4-ossos da perna e do braço, 5-costela, 6-sacro, 7-bacia, 8-úmero ou tibia.





Sepultamento 1 em duas vistas; sepultamento 7.

do abrigo, mas também aos de horticultores mais recentes como os dos outros dois sítios.

7. OS PETROGLIFOS

Os petroglifos encontram-se frouxamente agrupados em 4 painéis ao longo da parede do abrigo. Foram produzidos por raspagem, apresentando-se como sulcos predominantemente retilíneos, raramente curvilíneos, com uma profundidade próxima de 1 cm, uma largura variando entre 0,5 e 1,5 cm e um comprimento de 3 a 15 cm.

Em alguns sulcos são observados vestígios de corantes, cujos matizes vão de vermelho a preto. Entretanto não há sinais de pinturas independentes no paredão.

Estão medianamente conservados, não havendo sinais recentes. Mas dentro do período de tempo datado não sabemos onde colocá-los com precisão.

Fizemos uma primeira tentativa de classificação morfológica, que segue. (Ver quadro de tipos, descrições dos tipos, quadro de freqüência e representação gráfica da freqüência dos tipos).

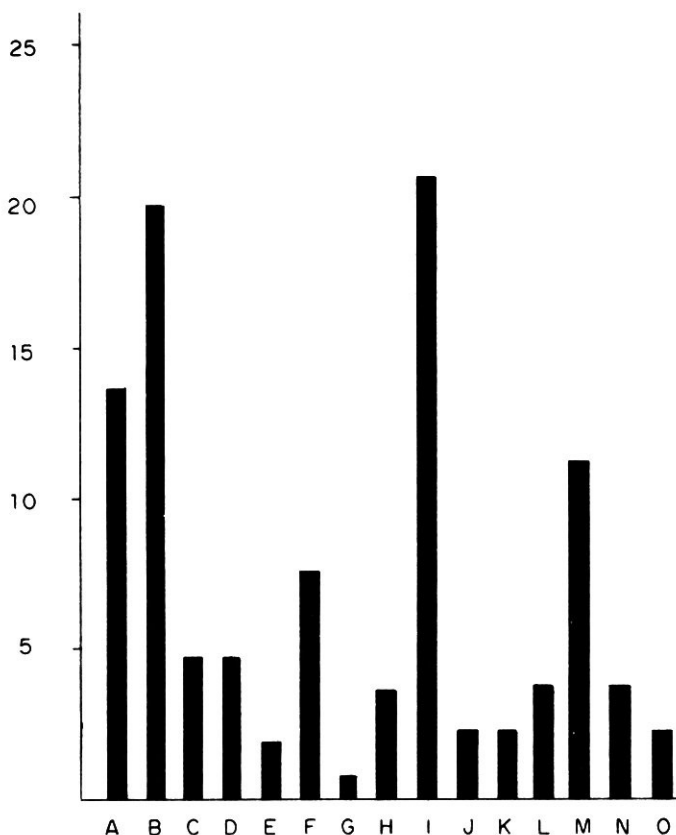
Todo o conjunto apresenta-se bastante característico, podendo esses elementos ser usados para comparações iniciais, apesar de a amostra ser ainda muito pequena.

Tomando como referência especialmente os numerosos "tridáctilos" e "vulvas" encontramos semelhanças principalmente com o Abrigo do Sol, no Município de Mato Grosso, MT (Altair Sales Barbosa e fotos de Jesco von Puttkamer) e um sítio em Coronel Ponce, perto de Cuiabá, MT (Beltrão, 1971). Semelhanças também se encontram com abrigos de Urubici, planalto de Santa Catarina (Rohr, 1971), onde aparecem símbolos semelhantes, mas dentro de um contexto muito diferente.

QUADRO DOS TIPOS - SÍTIO MONTE DO CARMO

subtipo	tipo	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P
01		/	∨	Y	/	△	△	△	△	△	◇	□	▭	⋯)	∨	☉
02		//	→	Y	X	△	△		△	△	◇	▭	▭		(∨	
03			→	Y	X		△		△	△	◇		▭				
04				Y	X		△			△			▭				
05		∖			X		△			△							
06					X		△			△							
07					X		△			△							
08					X		△			△							
09					X		△			△							
10					X		△			△							
11					X		△			△							
12					X		△			△							

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DOS TIPOS — SITIO MONTE DO CARMO



8. DATAÇÃO

As quatro datas de C-14 mostram que o abrigo foi utilizado por longo tempo, mas não muito intensamente.

Todas as datas vem do corte 2 e foram processadas pelo laboratório da Smithsonian Insti-

tution, Washington, por intermédio do Dr. Clifford Evans.

A data mais recente, proveniente do nível artificial de 20-30 cm de profundidade e correspondente à camada B, é de 1.015 ± 60 A.P., ou A.D. 935 (SI-4067).

A data média, proveniente do nível artificial de 50-60 cm, correspondente à camada natural C, é de 2.360 ± 70 , ou 410 a.C. (SI-4068).

As duas outras datas são antigas e correspondem à camada E. Uma provém do nível artificial de 70-90 cm e deu 3.845 ± 75 A.P. ou 1895 a.C. (SI-4069). A outra provém do nível artificial de 120-130 cm e deu 3.875 ± 90 A.P. ou 1975 a.C. (SI-4070).

As três primeiras datas não apresentam nenhum problema. A quarta precisa uma explicação, porque, estando em nível inferior, apresenta um crescimento muito pequeno e quase coincide com a anterior.

Consideramos esta quarta data correta do ponto de vista técnico e a aceitamos como boa. A área onde foi colhida a amostra correspondente é um espaço estreito entre blocos de rocha, no qual se haviam feito sepultamentos (2 e 6) e pode ter acontecido que carvão de nível mais acima tenha sido ali jogado ao fechar a sepultura. Também pode ter acontecido que o entulho fosse mais rápido porque havia uma quantidade de blocos, a maior parte proveniente da cobertura do sepultamento, que faziam crescer mais rapidamente a camada. Entretanto temos maior

confiança na primeira explicação que na segunda.

De acordo com as datas, o abrigo teria sido usado, mas não intensamente desde uns 2.000 a.C. ao menos até ao redor de A.D. 1.000. Provavelmente os elementos Tupiguarani da superfície são posteriores a esta data.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do desenvolvimento cultural da área do Médio-Tocantins ainda é pequena. Temos apenas quatro sítios cerâmicos, todos localizados no município de Monte do Carmo e reunidos na fase Pin-dorama.

O sítio mais importante parece ser o abrigo GO-RS-01, com datas de C-14 que vão de quase 2.000 a.C. até ao redor de A.D. 1.000.

Nas camadas deste sítio aparece uma cerâmica da tradição Aratu/Sapucaí (Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981) temperada com antiplástico mineral, junto com outra, temperada com cariapé, da tradição Uru. Nas mesmas camadas existe uma relativa abundância de material lítico pouco específico, produzido a partir de seixos, desprendidos da parede do abrigo. Os restos de ali-

mentos recuperados são provenientes da caça de animais pequenos e médios e da coleta de algumas espécies de moluscos terrestres e dulciaquícolas. Se o grupo tem algum cultivo desde o começo e em que momento da ocupação o adquire ainda não é sabido.

O abrigo era usado para sepultamento de mortos juvenis e adultos, depositados, no começo e no fim da utilização em enterros primários e, no meio, como enterros secundários, indicando mudanças ao menos em alguns elementos da cultura, sem que saibamos como esses novos elementos estão ligados e de onde viriam. Aparentemente com os sepultamentos secundários se intensificou a utilização do cariapé na cerâmica, mas ainda não sabemos se os dois estão associados.

Na parede existem petroglifos, que ainda conservam restos de pigmentos nos sulcos produzidos por raspagem.

Em áreas próximas foram localizados vestígios de três aldeias de grupos ceramistas.

Quando organizamos a cerâmica dos quatro sítios numa sequência de cronologia relativa, usando por base a estratigrafia do abrigo e as seqüências anteriores do Centro-Sul de Goiás, temos no começo da série os sítios GO-RS-01 e GO-RS-02, de-

pois o GO-RS-04 e por último o GO-RS-03. Nesta seqüência se observa uma substituição gradativa de um antiplástico mineral por um de cariapé e a substituição de um conjunto de formas de contorno predominantemente simples por um de contorno predominantemente infletido. Fenômeno semelhante havia sido registrado no Centro-Sul de Goiás (Schmitz, Wüst, Copé, Thies, 1982). Os autores interpretam o fenômeno como uma aculturação na fronteira entre horticultores da área do Centro-Nordeste e horticultores amazônicos. É importante lembrar que o cariapé aparece aqui desde muito cedo, provavelmente vários séculos a.C., podendo-se suspeitar que a aculturação de fronteira seja realmente muito antiga.

Quando buscamos relacionar os nossos achados com populações indígenas históricas, naturalmente pensamos nos sítios que estão colocados na parte mais recente de nossa seqüência, uma vez que os mais antigos já estão muito afastados no tempo para tal comparação. Dois grupos do tronco lingüístico Gê moravam na área, quando os brancos a invadiram em busca de ouro: os Akroá, posteriormente aldeados no Duro e em Mossâmedes e atualmente extintos; e os Xerente, que ain-

da sobrevivem na proximidade da desembocadura do rio do Sono no Tocantins, ao norte da área de nossa pesquisa. Ambos os grupos são de uma mesma das grandes repartições lingüísticas do tronco Gê, sendo atribuídos às línguas do leste por Loukotka (1968:81, 83), às línguas do Centro por Nimuendajú (1942:1).

No trabalho anteriormente citado conseguimos uma certa correlação entre a cerâmica e grupos lingüísticos da área associando as fases cerâmicas Uruaçu, Uru e Itapirapuã, da tradição Uru, aparentadas à parte final da fase Pindorama, com grupos Gê do mesmo subgrupo que os Xerente e Akroá.

Em conclusão pensamos que os sítios mais recentes de nossa seqüência podem ser atribuídos a populações semelhantes às que aí moravam nos séculos XVIII e XIX e que parcialmente aí continuam morando.

A presença da cerâmica de tradição Tupiguarani, encontrada na superfície das camadas do abrigo GO-RS-01, pode ser relacionada com a presença, em tempos históricos, um pouco mais para o sul, do grupo Canoeiros, do tronco lingüístico Tupi (Loukotka, 1968: 107, 108; Nimuendajú, 1942:2), que poderia ter realizado

acampamentos rápidos no abrigo.

Inicialmente tivemos alguma dificuldade em entender que pudesse haver cerâmica antiga no local, mas logo encontramos outras cerâmicas antigas na proximidade: a tradição Mina (Correa e Simões, 1971), um pouco mais para o norte, perto da desembocadura do Tocantins, com datações que recuam a mais de 3.000 a.C., e datações altas também para a tradição Una, no oeste de Minas Gerais (Dias, in Schmitz, Barbosa, Ribeiro, Ed., 1981). Diante dessa constatação estamos aceitando como válida ao menos a data de 410 a.C. para uma cerâmica aparentemente de base Aratu/Sapucaí, mas já com algum antiplástico cariapé.

Se a cerâmica indica uma transição entre o Centro-Nordeste e a Amazônia os petroglifos também são da borda da Amazônia. Ficam ainda por relacionar os sepultamentos, especialmente os secundários, mas também os primários estendidos, para os quais não encontramos bons elementos comparativos. Os que nós temos no centro e sul de Goiás são primários fletidos.

Resumindo, os sítios de Monte do Carmo, provenientes de nossa primeira incursão na

área, estão mostrando uma cultura de transição entre Centro-Nordeste e Amazônia. Pormenores ulteriores e o significado destas culturas deverão

ser elaborados quando o projeto Médio-Tocantins for continuado com estudo de algumas dezenas de sítios arqueológicos.

10. BIBLIOGRAFICA CITADA

BELTRÃO, Maria da Conceição C.M.

1971 — Pinturas e gravuras rupestres de Mato Grosso: tentativa de interpretação. **Revista Cultura**, MEC, Brasília, ano 1, nº 4: 112-117.

CALDERON, Valentin

1969 — A fase Aratu no Recôncavo e Litoral Norte do Estado da Bahia. PRONAPA. Resultados preliminares do 3º ano: 1967/8. **Publ. Av. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, 13:161-172.

CORREA, Conceição & SIMÕES, Mário F.

1971 — Pesquisas arqueológicas na região do Salgado (Pará). A fase Areão do litoral do Marapanin. **Bol. Mus. Pa. Emílio Goeldi**, Belém, n.s., Antropologia nº 48.

DIAS, Ondemar

1976/7 — A evolução da cultura em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 3/4: 110-130.

LOUKOTKA, Cestmir

1968 — **Classification of South American Indian Languages**. Latin American Center & University of California, Los Angeles.

NIMER, Edmon

1966 — Circulação atmosférica, elementos do clima, regime xerotérmico. In: **Atlas Nacional do Brasil**, II-6/8. IBGE, Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro.

NIMUENDAJU, Curt

1942 — **The Serente**. Publ. of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund, Los Angeles.

ROHR, João Alfredo

1971 — Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia nº 24.

SCHMITZ, Pedro Ignacio, BARBOSA, Altair Sales, RIBEIRO, Maira Barberi, Ed.

- 1981 — Temas de Arqueologia Brasileira 5. Os cultivadores do Planalto e do Litoral. **Anuário de Divulgação Científica**, IGPA, UCG, Goiânia, nº 9.
- SCHMITZ, Pedro Ignacio, WÜST, Irmhild, COPÉ, Sílvia Moehlecke, THIES, Úrsula Madalena Elfriede
- 1982 — Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de grupos horticultores no centro do Brasil. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia, nº 33.

ÍNDICE

PETROGLIFOS DO ESTILO PISADAS NO CENTRO DO RIO GRANDE DO SUL. Abrigos de Canhemborá, Lajeado dos Dourados, Linha Sétima e Pedra Grande	3
1. Introdução	3
2. Descrição dos Abrigos e dos Petroglifos	6
3. Seqüência Cronológica dos Petroglifos	34
4. Comparações	39
5. Síntese	43
6. Bibliografia	45
 PROJETO MÉDIO-TOCANTINS: Monte do Carmo, GO. Fase Cerâmica Pindorama	49
1. Introdução	49
2. Ambientes e Sítios	50
3. O Estudo dos Sítios Arqueológicos	53
4. O Material	59
5. Os Restos de Alimentos	73
6. Os Sepultamentos	74
7. Os Petroglifos	84
8. Datação	87
9. Considerações Finais	88
10. Bibliografia Citada	91

PESQUISAS

PUBLICAÇÕES DE BOTÂNICA

1. *Die Auslese im Naturversuch* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1, 1957, 131-219.
2. *Die Alte Südfloora in Brasilien* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 2, 1958, 177-198.
3. *An Historical Approach to Plant Evolution* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 2, 1958, 199-222.
4. *Uma coleção de pteridófitos do Rio Grande do Sul* – Aloysio Sehnem, S.J. – Pesquisas, 2, 1958, 223-229 e 6 est. fora do texto.
5. *Cyperaceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 3, 1959, 353-453.
6. *Towards the concept of the species in plant evolution* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 3, 1959, 455-493.
7. *Uma coleção de pteridófitos do Rio Grande do Sul, cont.* – Aloysio Sehnem, S.J. – Pesquisas 3, 1959, 495-576 e 5 est. fora do texto.
8. *Die Südgrenze des brasilianischen Regenwaldes* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1960, Bot. nr. 8; 41 pp.
9. *Euphorbiaceae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1960, Bot. nr. 9; 78 pp.
10. *Uma coleção de pteridófitos do Rio Grande do Sul IV* – Aloysio Sehnem, S.J. – Pesquisas 1960, Bot. nr. 10; 44 pp. e 5 est. fora do texto.
11. *Solanaceae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1961, Bot. nr. 11; 69 pp.
12. *Migration routes of the south brazilian forest* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1961, Bot. nr. 12; 54 pp.
13. *Uma coleção de pteridófitos do Rio Grande do Sul. V* – Aloysio Sehnem, S.J. – Pesquisas 1961, Bot. nr. 13; 42 pp. e 10 est. fora do texto.
14. *Der Küstenwald in Rio Grande do Sul (Südbrasilien)* – Roberto M. Klein – Pesquisas 1961, Bot. nr. 14; 39 pp. e 6 tab., 5 fig., 1 mapa fora do texto.
15. *Labiatae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1962, Bot. nr. 15; 46 pp.
16. *Convolvulaceae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1962, Bot. nr. 16; 31 pp.
17. *Umbelliferae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1962, Bot. nr. 17; 39 pp.
18. *Rubiaceae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1962, Bot. nr. 18; 76 pp.
19. *Observações sobre o prótalo de Trichomanes pilosum Raddi* – Aloysio Sehnem, S.J. – Pesquisas 1965, Bot. nº 19: 12 pp., 4 fig.
20. *Myrtaceae riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1965, Bot. nr. 20; 64 pp.
21. *Verbenaceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1965, Bot. nr. 21; 62 pp.
22. *Melastomataceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1966, Bot. nr. 22; 48 pp.
23. *Leguminosae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1966, Bot. nr. 23; 170 pp.
24. *Malvaceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1967, Bot. nr. 24, 52 pp.
25. *Bromeliaceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1967, Bot. nr. 25, 27 pp.
26. *Amarantaceae Riograndenses* – B. Rambo, S.J. – Pesquisas 1968, Bot. nr. 26, 30 pp.
27. *Musgos Sul-brasileiros* – A. Sehnem, Pesquisas 1969, Bot. nr. 27; 33 pp. 5 Est.
28. *Musgos Sul-brasileiros II* – A. Sehnem, Pesquisas 1970, Bot. nr. 28, 96 pp. 21 Est.
29. *Musgos Sul-brasileiros III* – A. Sehnem, Pesquisas 1972, Bot. nr. 29, 70 pp.
30. *Musgos Sul-brasileiros IV* – A. Sehnem, Pesquisas 1976, Bot. nr. 30, 79 pp.
31. *As Filicíneas do Sul do Brasil, sua Distribuição geográfica, sua Ecologia e suas Rotas de Migração* – A. Sehnem, Pesquisas 1977, Bot. nr. 31, 108 pp.
32. *Musgos Sul-brasileiros V* – A. Sehnem, Pesquisas 1978, Bot. nr. 32, 170 pp.
33. *Musgos Sul-Brasileiros VI* – A. Sehnem, Pesquisas 1979, Botânica nº 33, 149 pp.

32. **Contribuciones a la prehistoria de Brasil** — Pedro Ignacio Schmitz — Pesquisas 1981, Antropologia n° 32, 243 pp.
33. **Arqueologia do Centro-Sul de Goiás. Uma fronteira de horticultores indígenas no Centro do Brasil** — Pedro Ignacio Schmitz, Irmhild Wüsti, Sílvia Moehlecke Copé, Úrsula Madalena Elfriede This — Pesquisas 1982, Antropologia n° 33, 281 pp.